



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE GEOGRAFIA, GEOCIÊNCIAS**  
**E SAÚDE COLETIVA - IGESC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE**  
**AMBIENTAL E SAÚDE DO TRABALHADOR (PPGSAT)**



**ACLEVERSON JOSÉ DOS SANTOS**

**DESAFIOS À SAÚDE DE ESTUDANTES TRABALHADORES**  
**NA GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM**

Uberlândia 2025

**ACLEVERSON JOSÉ DOS SANTOS**

**DESAFIOS À SAÚDE DE ESTUDANTES TRABALHADORES  
NA GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM**

Dissertação de mestrado apresentada Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador (PPGSAT) do Instituto de Geografia, Geociências e Saúde Coletiva (IGESC) da Universidade Federal de Uberlândia como requisito para a obtenção do título de Mestre em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador.

Linha de Pesquisa: Saúde do  
Trabalhador

Orientador: Prof. Dr. Winston  
Kleiber de Almeida Bacelar.

Uberlândia, 2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

S237d Santos, Acleverson José dos, 1977-  
2025      Desafios à saúde de estudantes trabalhadores na graduação de  
Enfermagem [recurso eletrônico] / Acleverson José dos Santos. - 2025.

Orientador: Winston Kleiber de Almeida Bacelar.

Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de  
Uberlândia, Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do  
Trabalhador.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.5220>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Família - Saúde e higiene. I. Bacelar, Winston Kleiber de Almeida,  
1966-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de  
Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador. III. Título.

CDU: 613.9

---

André Carlos Francisco  
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Saúde Ambiental e Saúde do  
 Trabalhador  
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 3E, Sala 128 - Bairro Santa Monica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: 34-3239-4591 - ppgsat@igesc.ufu.br



### ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional PPGSAT				
Data:	08/07/2025	Hora de início:	08h:00	Hora de encerramento:	10h:000
Matrícula do Discente:	12312GST001				
Nome do Discente:	Acleverson José dos Santos				
Título do Trabalho:	Desafios à saúde de estudantes trabalhadores na graduação de enfermagem				
Área de concentração:	Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador				
Linha de pesquisa:	Saúde do Trabalhador				
Projeto de Pesquisa de vinculação:					

Reuniu-se em web conferência, em conformidade com a PORTARIA Nº 36, DE 19 DE MARÇO DE 2020 da COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES, pela Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, assim composta: Professores(as) Doutores(as):

Nome completo	Departamento/Faculdade de origem
Ailton de Souza Aragão	UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)
Maria Virgínia dias de Ávila	FATRA/Uberlândia
Winston Kleiber de Almeida Bacelar (Orientador do candidato)	UFU/IGESC

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Winston Kleiber de Almeida Bacelar apresentou a Comissão Examinadora o candidato, agradeceu a presença do público e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando ao candidato:

#### APROVADO

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Virgínia Dias de Ávila, Usuário Externo**, em 14/07/2025, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Winston Kleiber de Almeida Bacelar, Professor(a) do Magistério Superior**, em 14/07/2025, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Ailton de Souza Aragao, Usuário Externo**, em 17/07/2025, às 13:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6509955** e o código CRC **CBC9A589**.

---

Referência: Processo nº 23117.048231/2025-59

SEI nº 6509955

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICOS</b>	<b>PÁGINA:</b>
GRAFICO 1 – PERFIL POR RENDA	23
GRAFICO 2 – PERGUNTA 1	25
GRÁFICO 3 – PERGUNTA 2	26
GRAFICO 4 – PERGUNTA 3	27
GRAFICO 5 – PERGUNTA 4	28
GRAFICO 6 – PERGUNTA 5	29
GRAFICO 7 – PERGUNTA 6	31
GRAFICO 8 – PERGUNTA 7	32
GRAFICO 9 – PERGUNTA 8	34
GRAFICO 10 – PERGUNTA 9	35
GRAFICO 11 – PERGUNTA 10	36
GRAFICO 12 – PERGUNTA 11	37
GRAFICO 13 – PERGUNTA 12	38
GRAFICO 14 – PERGUNTA 13	40
GRAFICO 15 – PERGUNTA 14	41
GRAFICO 16 – PERGUNTA 15	42

**LISTA DE TABELAS**

<b>TABELAS</b>	<b>PÁGINA:</b>
TABELA 1 - RELAÇÃO COM O DESGASTE FÍSICO E MENTAL	45
TABELA 2 - RELAÇÃO COM O CURSO	46
TABELA 3 - RELAÇÃO COM LAZER	47
TABELA 4 - RELAÇÃO COM O TRABALHO ATUAL	49

## DEDICATÓRIA

*Dedico o resultado deste trabalho ao meu marido Rogério de Moraes Franco Júnior,  
pelo apoio a minha formação profissional e a todos que participaram desta pesquisa, direta  
ou indiretamente, em especial aos meus alunos.*



## AGRADECIMENTOS

Ao meu marido Rogério de Moraes Franco Júnior, pelo apoio e incentivo antes e durante todo o processo.

A minha inesquecível mãe Nivalda Alves dos Santos, por ter acreditado e investido nos meus estudos (In memoriam).

Ao meu Padrinho Alexandre Ingfer pela presença e direcionamentos na vida, e na pessoa dele agradeço também a todos os meus amigos perseverantes.

A minha família, em especial minha Tia Iones da Silva, pelo apoio e torcida sempre.

A minha sogra Kilceli Fernandes da Silva, sempre apoiadora dos nossos estudos.

A minha amiga Lia – Eliane Gonzaga, pelo cafezinho entre um estresse e outro durante todo esse período.

Ao meu sobrinho, amigo e afilhado João Marcus Campos Fernandes pelo suporte técnico, atenção e carinho sempre.

A FATRA – Que me disponibilizou a possibilidade de realizar a pesquisa entre os seus discentes.

A minha Diretora Acadêmica Silma Capanema, pelo incentivo e reconhecimento.

A minha Coordenadora do Curso de Bacharel em Enfermagem, Cristina Ila pela confiança, liderança e incentivo.

Ao meu orientador Professor Dr. Winston Kleiber de Almeida Bacelar, sem os seus conselhos e direcionamentos, nada teria sido possível.

Ao PPGSAT, o Instituto de Geografia, a UFU – Universidade Federal de Uberlândia e a CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. – Pela devoção ao ensino.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.

Todos nós sabemos alguma coisa.

Todos nós ignoramos alguma coisa.

Por isso aprendemos sempre.”

Paulo Freire

## RESUMO

### **TÍTULO: DESAFIOS À SAÚDE DE ESTUDANTES TRABALHADORES NA GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM**

**Introdução:** Da experiência como docente, na área da saúde, surgiu a observação dos desafios que impactam a saúde e o rendimento escolar de estudantes universitários trabalhadores. Neste estudo analisamos alguns destes desafios no curso de Bacharel em Enfermagem. **Objetivos:** Conhecer melhor alguns destes desafios e propor estratégias que possam ser desenvolvidas no campus universitário que melhorem a qualidade de vida e o rendimento destes estudantes trabalhadores. **Material e método:** O estudo avaliou 80 discentes que estavam ativos no trabalho. **Resultados:** Nessa amostragem 86,3% são mulheres. 85% se sentem sonolentos ÀS VEZES, REPETIDAMENTE e SEMPRE, destes 83,5% se sentem incapazes de aprender o conteúdo das aulas, ÀS VEZES, REPETIDAMENTE e SEMPRE. São alunos que trabalham muito e não recebem apoio para sua formação, da empresa, em que trabalham, sendo que: 59,25% não receberam NADA ou MUITO POUCO apoio da empresa. Destes alunos 97% consideram seu curso MAIS OU MENOS, BASTANTE ou EXTREMAMENTE importante, sendo que 97,5% buscam REALIZAÇÃO PESSOAL E SALÁRIO. **Conclusões:** Para mitigar esta realidade difícil é fundamental criar novas formas de financiamento a fim de promover inclusão e inserção, além de buscar novas abordagens educacionais, mais modernas, dinâmicas e inclusivas a fim de alcançar o engajamento destes estudantes, que já chegam cansados ao ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Estudantes trabalhadores, Saúde, Inclusão

## ABSTRACT

### **TITLE: CHALLENGES TO THE HEALTH OF WORKING STUDENTS IN NURSING UNDERGRADUATE COURSES**

**Introduction:** From my experience as a teacher in the health area, I observed the challenges that impact the health and academic performance of working university students. In this study, we analyzed some of these challenges in the Bachelor of Nursing course. **Objectives:** To better understand some of these challenges and propose strategies that can be developed on the university campus to improve the quality of life and performance of these working students. **Material and method:** The study evaluated 80 students who were active at work. **Results:** In this sample, 86.3% were women. 85% felt sleepy SOMETIMES, REPEATEDLY and ALWAYS, of which 83.5% felt unable to learn the content of the classes SOMETIMES, REPEATEDLY and ALWAYS. These are students who work a lot and do not receive support for their training from the company where they work, and: 59.25% received NOTHING or VERY LITTLE support from the company. Of these students, 97% consider their course to be MORE OR LESS, QUITE or EXTREMELY important, and 97.5% seek PERSONAL FULFILLMENT AND SALARY. **Conclusions:** To mitigate this difficult reality, it is essential to create new forms of financing in order to promote inclusion and insertion, in addition to seeking new educational approaches, more modern, dynamic and inclusive in order to achieve the engagement of these students, who already arrive at the school environment tired.

**Keywords:** Working students, Health, Inclusion

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>10</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>13</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Justificativa.....	14
1.2 Motivação pessoal.....	14
1.3 Objetivos da pesquisa .....	16
1.4 Hipótese.....	17
1.5 Tipos de pesquisa .....	17
1.6 População e Amostra .....	18
1.7 Público Alvo e Local de Coleta de Dados.....	18
1.8 Critérios de Inclusão e exclusão.....	18
1.9 O Instrumento de Pesquisa .....	18
1.10 Coleta de Dados.....	18
1.11 Tratamento, análise e divulgação de Dados.....	19
1.12 Estratégias para minimizar riscos .....	19
1.13 Aspéctos Éticos.....	19
1.14 Contribuições.....	20
1.15 Organização da Dissertação .....	20
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>21</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>21</b>
2.1 As diversas perspectivas do trabalho .....	21
2.2 Enfermagem no Brasil e no mundo.....	23
2.3 A graduação em Enfermagem e a dupla jornada de estudantes universitários que trabalham .....	26
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>27</b>
<b>3. A SUA PROPOSTA.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 4.....</b>	<b>28</b>
<b>4. EXPERIMENTOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>28</b>
4.1 Método para a Avaliação.....	28

<b>4.2</b>	<b>Experimentos.....</b>	<b>29</b>
<b>4.3</b>	<b>Avaliação dos Resultados .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 5.....</b>		<b>57</b>
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>64</b>
<b>ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO .....</b>		<b>73</b>
<b>DADOS PESSOAIS .....</b>		<b>73</b>
<b>QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO .....</b>		<b>74</b>
<b>ANEXO 2 – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>		<b>77</b>
<b>CERTIFICADOS DAS ATIVIDADES ORIENTADAS.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>	
<b>CERTIFICADO DE PROFICIÊNCIA EM INGLÊS .....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>	

## CAPÍTULO 1

### 1. INTRODUÇÃO

As pressões do movimento sanitário no Brasil foram fundamentais para a instituição do Sistema Único de Saúde (SUS). Nesse processo tem-se como marcos históricos a VIII Conferência Nacional de Saúde que ocorreu em 1986, a Constituição Federal de 1988 e a regulamentação do SUS através das leis orgânicas da saúde nºs 8080/1990 e 8192/1990, através das quais se instituiu como campo de estudos a Saúde do Trabalhador (ST) (Brasil, 1990a, 1990b; Rosário; Baptista; Matta, 2020).

O campo de Saúde do Trabalhador está abarcado na grande área da saúde coletiva e busca estabelecer a relação entre o labor e o processo saúde e doença dos trabalhadores. Neste âmbito é essencial compreender que a sociedade contemporânea tem desenvolvido cada vez mais estilos de vida interligados ao relógio social, no qual, horários de trabalho e escola, muitas vezes não estão em harmonia com o tempo biológico dos indivíduos, prejudicando assim a saúde individual e coletiva (Lopes, 2021).

A sociedade moderna tem ocasionado cada vez mais a busca por aperfeiçoamento e atualização profissional, promovendo nos sujeitos inseridos nesta sociedade a busca por mais anos de escolaridade e, em especial, por cursos universitários, nos quais os indivíduos almejam o bom posicionamento no mercado de trabalho. Paradoxalmente, uma parcela significativa desses sujeitos da sociedade moderna, marcadamente de países subdesenvolvidos, necessitam ingressar no âmbito laboral simultaneamente à formação universitária, estabelecendo uma dupla jornada entre o trabalho e o estudo universitário (Marchini, *et al.*, 2019).

Ainda que a educação seja essencial para a construção da sociedade moderna, já que promove o conhecimento, em países subdesenvolvidos percebe-se uma dicotomia neste constructo, uma vez que uma grande gama de sujeitos que ingressam em cursos universitários, principalmente os que trabalham, estão em constante pressão devido às cobranças, estresses e falta de tempo, o que colabora para uma baixa qualidade de vida (Lopes, 2021).

A elaboração dessa pesquisa culminou em uma dissertação que procura trazer todo o processo da pesquisa e os dados encontrados. O processo da pesquisa, por vezes, apresentou muitos desafios em que, por intermédio da contribuição do orientador, aulas, seminários, trocas de saberes entre os colegas, pesquisas, leituras, vídeos, contribuíram para as etapas

finalizadas. Neste estudo analisamos a realidade de sujeitos que ingressam em cursos universitários da área da saúde e que também trabalham, com a finalidade de entender e avaliar as cobranças, estresses e a falta de tempo no cotidiano desses sujeitos.

### **1.1 Justificativa**

Este estudo se justifica cientificamente, pois de acordo com autores como Durand e Heideman (2019) é fundamental relacionar os fatores sociais para a promoção da saúde. Também se justifica de maneira social, pois ao se conhecer e analisar a realidade da educação e formação de futuros profissionais da saúde e que serão divulgadores de conhecimento, tentamos e buscamos proporcionar a melhoria, ou mesmo a análise de alguns determinantes sociais da saúde<sup>1</sup> e com isso propagar o conhecimento acerca da temática.

Além disso, se justifica de maneira pessoal, pois a atuação do pesquisador como docente em cursos da área de saúde, possibilitou a observação crítica do quão difícil se apresenta a realidade dos estudantes universitários que são trabalhadores e que apresentam diversas dificuldades para realização do seu curso. Assim, ultrapassar o empirismo e chegar ao método científico para identificar estratégias que possam proporcionar condições para melhorar aspectos acadêmicos e de desempenho dos discentes e docentes é o que se propõe nesta pesquisa.

Para tal nossa problemática se refere à questão de que o ingresso na universidade, muitas vezes, vem associado à inserção no mercado de trabalho e esse novo contexto pode gerar mudanças nos hábitos, rotina e estilo de vida dos sujeitos/indivíduos que se relacionam diretamente com os determinantes sociais da saúde impactando em fatores sociais, culturais, psicológicos e comportamentais dos mesmos (Lopes, 2021).

### **1.2 Motivação pessoal**

Começo minha breve apresentação tentando contextualizar o interesse da minha pesquisa. Sou filho de faxineira, mulher forte e valente que batalhou com a vida para me oferecer o que não teve, acreditando que a única riqueza que poderia me deixar seria a minha formação. Morei em uma casa de pau a pique até a minha adolescência, não conhecia sequer o que era um vaso sanitário, até chegar na escola. Meu primeiro banho de chuveiro foi já na adolescência, após mudarmos da casa da minha Avó, e o chuveiro era apenas um cano com

---

<sup>1</sup> Entendemos que a abordagem que o meio externo exerce na saúde dos indivíduos está relacionada aos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), os quais podem ser individuais como idade, sexo, fatores genéticos, e sociais que abarcam aspectos ambientais, econômicos, políticos e comportamentais. Os DSS se relacionam às condições de vida e trabalho, o que influencia nos comportamentos e estilos de vida, constituindo-se fatores de risco para doenças (Lopes, 2021; Rocha *et. all.*, 2016).

uma lata furada dependurada, presa por barbantes. Nós somos de uma cidade pequena e em 1996, ser muito pobre e gay, em uma cidade com 13 mil habitantes não me dava nenhuma escolha. Após juntar algum dinheiro dando aula particular para os meus colegas secundaristas, prestei vestibular na Universidade Federal de Uberlândia/UFU, para medicina e na FIT, atual UNITRI, para Fisioterapia. Descobri então que minha formação era completamente inadequada para o grau de exigência da UFU. Mas passei em Fisioterapia na UNITRI – (Centro Universitário do Triângulo). Logo depois do vestibular minha mãe e eu tivemos uma conversa dura e difícil, nesse dia disse a ela que se não aproveitasse essa oportunidade, certamente não seria nada na vida. Ao que ela respondeu: Então vamos tentar! Essa foi a grande chance da minha vida. A partir desse dia minha história mudou. Passei fome inúmeras vezes durante a minha formação em Fisioterapia, mas jamais perdi a esperança de que iria conseguir, jamais pensei em desistir, tinha certeza que não poderia mudar o rumo da minha vida sem estudar. Persisti muito além do que achava que era capaz. E consegui, fui o primeiro da minha família a ter uma graduação. A formação superior ajudou a superar inúmeros desafios que a vida trouxe.

Na busca de mim mesmo e da incessante vontade de aperfeiçoamento pessoal e profissional encontrei na docência um sentimento de realização nunca antes experimentado. Dei aula no ensino fundamental, ensino médio, técnico e agora na graduação dos cursos de graduação em Enfermagem e Psicologia em duas IES. Esta pesquisa surgiu como uma busca por respostas científicas, surgidas na prática do trabalho docente e da percepção das dificuldades enfrentadas por alunos, que assim como eu, precisam trabalhar para pagar seus estudos e que também trazem consigo uma série de desafios a superar. Em todas as minhas aulas tenho alunos dormindo, exauridos pelo cansaço extremo de jornadas ininterruptas de plantões de 24 e 36 horas. Alunos que, muitas vezes, não conseguem aprender, porque a exaustão os limita. Ao apresentar minha proposta de pesquisa, o meu grande objetivo era entender essas dificuldades, como quem busca compreender a própria história e que a vê repetida em cada aluno que se esforça para mudar a própria história de vida.

Neste sentido a história de vida motivou a pesquisa, mas a realidade deveria ser analisada a partir de bases científicas e metodológicas proporcionadas pela pós-graduação. Assim, ao adentrar no mundo da academia a partir do PPGSAT abriu-se um caminho com possibilidades de apresentar produtos diferentes para a conclusão da pesquisa.

Para tanto optei pela produção desta dissertação acadêmica e como uma parte de nosso percurso metodológico optamos pela aplicação de um questionário (**Anexo 1**) a oitenta discentes, que se voluntariaram a participar. Os discentes receberam um envelope pardo



contendo o questionário e a orientação de que não precisariam se identificar e que a pesquisa tinha por intuito a busca pelo entendimento das dificuldades vivenciadas por eles.

Foi dado um prazo de uma semana para que respondessem e deixassem os envelopes com as respostas na secretaria acadêmica da instituição, garantindo assim a impessoalidade e o anonimato dos questionários. Após a coleta dos questionários as respostas foram planilhadas no aplicativo *Excel* e para cada resposta individual foi atribuído o valor 1, totalizando 80 respostas a cada uma das quinze perguntas. Sendo assim o valor 80 passou a ser o referencial de percentual e referencial para todos os percentuais analisados.

A coleta trouxe informações relevantes e que podem demonstrar uma percepção mais clara das principais dificuldades enfrentadas por estes alunos. Sendo a sonolência a maior delas. Observamos a falta de apoio da iniciativa privada, em especial das empresas onde essas pessoas trabalham e a necessidade real de investimentos na educação.

Os resultados obtidos em nossa pesquisa permitiram uma análise aprofundada dos principais desafios enfrentados por esses estudantes, tais como a conciliação entre trabalho e estudo, a falta de tempo para o descanso e a dificuldade em acompanhar as atividades acadêmicas. A partir dos dados coletados foi possível identificar a necessidade de políticas públicas e ações institucionais que visem oferecer maior suporte aos estudantes trabalhadores, como a flexibilização de horários, a criação de programas de tutoria e o desenvolvimento de materiais didáticos que facilitem o aprendizado autônomo.

Considerando a relevância do tema e os resultados obtidos, este trabalho contribui para o avanço do conhecimento sobre a realidade dos estudantes trabalhadores da área da saúde e pode servir como base para futuras pesquisas e intervenções.

### **1.3 Objetivos da pesquisa**

Este estudo teve como objetivo compreender as dificuldades enfrentadas por estudantes trabalhadores da área da saúde, sendo a graduação em Enfermagem um exemplo para tal, e com isso buscamos, a partir desse objetivo e da hipótese identificar estratégias para mitigar os impactos do trabalho na vida acadêmica. Assim, conhecer os desafios enfrentados por estudantes trabalhadores, na graduação em Enfermagem nos deu subsídios para propor estratégias que possam ser desenvolvidas no *campus* universitário e que melhorem a qualidade de vida e o rendimento acadêmico destes estudantes.

### 1.4 Hipótese

A pergunta que dá origem a esta pesquisa foi a de que: o estudante trabalhador enfrenta dificuldades em seu percurso na graduação? Dessa dúvida surgiu a seguinte questão problema: quais fatores dos determinantes sociais da saúde impactam na saúde destes estudantes universitários que são trabalhadores? E a partir dessa questão, a busca por responder a hipótese: como estes DSS influenciam no rendimento desses estudantes? A partir dessas indagações definimos que o levantamento seria realizado entre alunos do curso de graduação em Enfermagem em uma instituição de ensino superior em qual atuava como docente, o que facilitou a coleta dos dados.

O ingresso na universidade associado à inserção no mercado de trabalho, acarreta transformações nos hábitos, rotina e estilo de vida dos estudantes e podem acabar impactando nas relações sociais, culturais, psicológicos e comportamentais que influenciam a qualidade de vida (Lopes, 2021). É crucial ressaltar que a qualidade de vida dos estudantes tem um impacto direto em seu desempenho acadêmico. Diante dessa realidade, emerge a seguinte questão problema: Quais são os desafios enfrentados por estudantes trabalhadores durante a graduação em Enfermagem? A hipótese levantada é que diversos fatores, como alimentação, sono, emprego, horas de descanso e didática docente, podem influenciar a qualidade de vida e o rendimento escolar desses estudantes.

### 1.5 Tipos de pesquisa

Este estudo trata-se de uma pesquisa de Abordagem Qualitativa que se desenvolveu através da aplicação de um questionário (**ANEXO 1**) intitulado QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO, o qual nos permitiu correlacionar os estudantes universitários trabalhadores e suas condições de vida e de estudo. O levantamento e compreensão das informações definiram as estratégias desenvolvidas para melhorar as condições de vida e aprendizagem dos sujeitos/indivíduos que se enquadram neste recorte.

Outra ferramenta metodológica que utilizamos foi a pesquisa bibliográfica sobre a temática. Os procedimentos bibliográficos permitiram a ampliação do conhecimento técnico-científico e juntamente aos procedimentos de campo proporcionarão o contato com os discentes e trabalhadores possibilitando a compreensão dos determinantes sociais da saúde que impactam a vida dos universitários trabalhadores.

## **1.6 População e Amostra**

A população do estudo foi composta por 80 (oitenta) estudantes trabalhadores, matriculados no curso de Bacharel em Enfermagem de uma Instituição Privada de Ensino Superior (IES) do município de Uberlândia/MG.

## **1.7 Público Alvo e Local de Coleta de Dados**

O público alvo foram universitários do curso de graduação Bacharel em Enfermagem. A escolha deste público ocorreu pelo fato de ser um curso da área da saúde, em que o pesquisador é docente, além do fato de que grande parte dos graduandos serem trabalhadores, o que favoreceu esta pesquisa. O curso é composto por 10 períodos, com duração de um semestre por período e se divide em disciplinas teóricas e práticas além do estágio curricular supervisionado, contemplando no mínimo quatro mil horas de aula curricular.

## **1.8 Critérios de Inclusão e exclusão**

Foram incluídos na pesquisa maiores estudantes, devidamente matriculados no curso, com idade mínima de 18 anos, cursando entre o primeiro e o décimo período de Enfermagem e que estivessem inseridos no mercado de trabalho, formal ou informalmente.

Foram excluídos da pesquisa aqueles indivíduos que estiverem de licença de saúde e os que não trabalhavam.

## **1.9 O Instrumento de Pesquisa**

Essa pesquisa foi autorizada pela instituição de ensino escolhida e contou com um instrumento de pesquisa (ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO), elaborado pelo autor, com base nos estudos de Broch et al. (2020) e Schneider et al. (2018), que abordaram os fatores relacionados a saúde. O questionário abarcou questões sobre a carga horária de trabalho, do tipo de profissão, da renda do sujeito/indivíduo, bem como se existe necessidade de trabalhar para pagar a graduação e questões relacionadas a satisfação com o trabalho, com o curso e com o rendimento acadêmico dos discentes.

## **1.10 Coleta de Dados**

O pesquisador, após autorização da IES, solicitou na secretaria da IES o horário e salas de aula dos discentes matriculados no curso de enfermagem. Em seguida, foi às salas de aula e após autorização aplicou o ANEXO 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os alunos preencheram o formulário, fora do ambiente acadêmico e depois deixaram na secretaria acadêmica da IES. Os dados qualitativos foram construídos a partir da aplicação do questionário no sentido de apreender as percepções, opiniões e sentimentos dos discentes frente aos DSS.

### **1.11 Tratamento, análise e divulgação de Dados**

Os dados foram transcritos na íntegra e organizados no *software* Microsoft Office Excel®. Já a análise qualitativa foi por meio da Análise de Conteúdo de acordo com Bardin (2016) e seguirá as etapas de pré-análise, exploração e tratamento dos dados com codificação e inferência. Após a análise, os dados foram refinados e analisados para levantamento de hipóteses e novos questionamentos. Após a aprovação deste trabalho as estratégias sugeridas pelos discentes serão apresentadas à gestão da Instituição de ensino para implantação de melhorias nas condições de vida e aprendizagem dos discentes que são trabalhadores.

### **1.12 Estratégias para minimizar riscos**

A importância ética do anonimato é um princípio básico da ética em pesquisa, conforme destacado por Flick (2009), que enfatiza a necessidade de proteger os indivíduos envolvidos no processo investigativo, porque a confidencialidade e o anonimato são mecanismos essenciais para garantir o respeito e manter a confiança pública na pesquisa científica.

O único risco possível, observado nesta pesquisas poderia ser a quebra de sigilo. Para evitá-lo a coleta de dados garantiu o anonimato, minimizando-o o máximo possível. Ao assegurar que a identidade dos participantes permanecerão desconhecidas, cria-se um ambiente de confiança que encoraja respostas honestas e a livre expressão de opiniões, especialmente em tópicos sensíveis ou controversos.

### **1.13 Aspéctos Éticos**

A pesquisa científica para ser relevante deve considerar acima de todos os aspéctos, o bem-estar da sociedade e do meio ambiente, evitando danos e buscando o máximo de benefícios para a coletividade (Beauchamp & Childress, 2019). A ética é um alicerce indispensável para a validade, relevância e aceitação social. Para tanto exige honestidade na coleta, análise e divulgação dos dados, prevenindo distorções e o plágio (Shamoo & Resnik, 2015).

Esta pesquisa respeitou os aspectos éticos e legais seguindo as resoluções do Conselho Nacional de Saúde 510/2016 (Brasil, 2012, 2016). A coleta de dados foi iniciada após aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da Universidade Federal de Uberlândia (CEP/UFU). Para preservar a identidade dos participantes os formulários de pesquisa e TCLE serão mantidos em sigilo por cinco anos e posteriormente destruídos, garantindo autonomia e respeito à sua dignidade conforme instrução da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

### 1.14 Contribuições

Segundo Gil (2008), a pesquisa científica é um "processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico". Sua relevância está na capacidade de gerar novos conhecimentos, solucionar problemas existentes e impulsionar a inovação. Além disso, como destaca Demo (2000), a pesquisa científica contribui para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes, pois a ciência oferece subsídios para a compreensão de fenômenos sociais, econômicos e ambientais, permitindo a criação de soluções mais adequadas.

Para Durand e Heideman (2019) é fundamental conhecer e relacionar os fatores que influenciam a qualidade de vida e a saúde, para que se possa, realmente, promover melhorias na saúde das pessoas. O maior benefício deste estudo, certamente, é a sua contribuição com informações, que poderão servir como base para análises diversas que poderão ser usadas para melhorar a qualidade de vida e o rendimento escolar de estudantes universitários que são trabalhadores.

### 1.15 Organização da Dissertação

A elaboração dessa pesquisa culminou em uma dissertação que procura trazer todo o processo da pesquisa, os dados encontrados e sua discussão/debate. Dessa forma, para melhor entendimento optamos em organizá-la em cinco capítulos, de acordo com uma sequência que se encadeia e dá dinâmica na leitura e na interpretação dos fatos e das análises das atividades desenvolvidas. Referimo-nos aqui ao caminho percorrido antes, durante a pesquisa e no decorrer do desenvolvimento da dissertação. Sendo:

- **PRIMEIRO CAPÍTULO** - trata das principais motivações que despertaram o interesse no tema e na pesquisa, os objetivos e desafios da enfrentados na pesquisa, a hipótese, as contribuições e a organização da dissertação.
- **SEGUNDO CAPÍTULO** - referente a fundamentação teórica e a história da Enfermagem no Brasil e no mundo e ao estabelecimento de referências do que seria trabalho e estudo.
- **TERCEIRO CAPÍTULO** - discute a proposta da pesquisa.
- **QUARTO CAPÍTULO** - experimentos e análise dos resultados, método para a avaliação, experimentos e avaliação dos resultados.
- **QUINTO CAPÍTULO** - A conclusões e contribuições.

Ao final do texto estão elencadas todas as referências bibliográficas utilizadas para a fundamentação da pesquisa em questão e também os anexos com o questionário aplicado.

## CAPÍTULO 2

### 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 2.1 As diversas perspectivas do trabalho

Contextualizar a palavra trabalho se torna fundamental para que se possa perceber, todas as nuances desta ação humana e sua evolução ao longo da história. Segundo Martins (2000, p. 168) a definição para a palavra trabalho é originária do latim "*tripalium*", um instrumento de tortura. Na bíblia, em especial no livro de Gênesis capítulo 3, versículo 17, o trabalho aparece como castigo à desobediência humana ("em sacrifício obterás da terra o teu sustento durante os dias de tua vida"). O Talmude afirma que "se o homem não encontra seu alimento como animais e pássaros, precisa ganhá-los, isso se deve ao pecado" e assim, segundo este livro sagrado, todo trabalho é fundamentalmente um castigo.

O filósofo Aristóteles definia o trabalho e o trabalhador como sendo "Todos aqueles que nada tem de melhor para nos oferecer que o uso de seu corpo e dos seus membros são condenados pela natureza à escravidão. É melhor para eles servir que serem abandonados a si próprios" (Ribeiro, L. p.196). Ainda podemos ilustrar esta definição de maneira mais usual ou comum. Assim, de acordo com o Dicionário Aurélio, trabalho é o mesmo que "treinar ou exercitar para aprimorar ou desenvolver; causar preocupação ou angústia; realizar alguma tarefa ou atividade; gerar ideias ou reflexões; estar em operação; esforçar-se para alcançar algo; desempenhar uma função profissional" (Ferreira, 2017).

Como se mostra diversos elementos constituem a definição de trabalho, abrangendo desde aspectos subjetivos até sociais. Contudo, para esta pesquisa/dissertação optamos pela definição marxiana que se ancora em Marx. Para Marx (1980), o trabalho é uma dimensão da vida humana, sendo que, através dele o homem consegue sair da existência orgânica para a sociabilidade. Por meio do trabalho ele cria uma nova realidade, modificando a realidade natural. Marx entende que o trabalho humano, diferentemente dos demais seres vivos, envolve consciência, não é meramente uma atividade instintiva, mas uma tentativa de satisfazer necessidades pessoais.

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. Mas o que distingue de antemão o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador e, portanto, idealmente (Marx, 1985a, p.149-150).

No final dos anos 1950 em sua obra *A condição humana* (1958) Hannah Arendt, importante filósofa marxiana, diferenciou trabalho e labor, destacando que são termos que costumam ser associados, mas seus significados são distintos (Arendt, 2004:346). Para Arendt (2004) Labor se refere ao esforço físico e repetitivo, geralmente ligado a tarefas necessárias para a sobrevivência diária, como a agricultura. Trabalho por sua vez engloba a criação de produtos duradouros e se associa à produção intelectual e artística.

Morin (2001) afirma que o trabalho passou por transformações significativas no século XX, adquirindo aos poucos configuração que atualmente conhecemos. As mudanças foram impulsionadas pela introdução de tecnologias e novas formas de organização. Assistimos ao declínio de empregos permanentes e de longa duração ao mesmo tempo em que surgem novas modalidades de trabalho. Se o trabalho e sua representação social era baseado em uma divisão natural, para Rubin (1980) conceitos simples como a idade e o sexo dos membros da comunidade, que eram vistos e diferenciados no sistema sem classes, sob o sistema capitalista passa a ver e tratar homens, mulheres e crianças como um todo homogêneo e indiferenciado. Schimidt (1976) diz que a produção natural antes voltada para a produção de valores e satisfação das necessidades da comunidade, na sociedade capitalista passou a ser a valorização do capital.

Como resultado dessas mudanças na concepção e execução do trabalho, surge uma dicotomia em que se por um lado o trabalho pode oferecer a chance de desenvolver a identidade, interagir com outras pessoas, descobrir um propósito significativo e uma maneira de usar o tempo de maneira proveitosa, por outro lado, o trabalho também passou a ser interpretado e experimentado como tortura, angústia ou fardo penoso e origem de tormento para aqueles que o executam (Zanelli, *et. all.*, 2010). Debord (1997) em “A Sociedade do Espetáculo” realiza uma análise do que seria vencer na vida e basicamente chega à conclusão que só é vencedor na vida aquele que pode ostentar os bens materiais que pode amealhar. Desta forma o trabalhador só se realiza consumindo. O sucesso social e a felicidade são medidos pelo nível de consumo que determina o grau de inclusão ou de exclusão social.

Para Dejours (2007) o trabalho é essencial para a formação das relações entre homens e mulheres, influenciando a dinâmica das relações. O trabalho também contribui significativamente para a evolução da convivência social e para o desenvolvimento e transmissão da cultura. Portanto, o trabalho não apenas molda indivíduos, mas também molda sociedades inteiras, tornando-se um elemento indispensável para o progresso e bem-estar coletivo. O trabalho proporciona convivência social enriquecedora, permitindo ao indivíduo

desenvolver sua subjetividade, promover interações interpessoais e ultrapassando o limite das atividades cotidianas (Lima, *et all.*, 2013).

É fato que as mudanças trouxeram uma nova maneira de entender o trabalho e o trabalhador, assim como suas expectativas de realização através dele, mas é certo que

... o trabalho, em si mesmo, é uma das dimensões da vida humana que revela nossa humanidade, pois é por ele que dominamos as forças da natureza e é por ele que exteriorizamos nossa capacidade inventiva e criadora... (Lafarge, 1999, p. 33).

O trabalho muda e muda o homem, pois o trabalho altera a visão que o homem tem do mundo (Codo, 1984). Esta alteração da percepção de mundo em que o trabalho é um indutor fundamental, mas não o único é mais pungente a partir do século XIX em que o mundo do trabalho, especialmente no ocidente, afirma e reafirma aquilo que vinha acontecendo desde os primórdios do modo de produção capitalista, o trabalho como produtor de meios de viver para trabalho como meio de produção de excedente e lucro.

A dignificação do ser humano não é alcançada e o trabalho é alçado a única possibilidade, especialmente para os que não possuem mais os meios de produção, de se alcançar alimento, água, vestuário e residência, ou seja, das necessidades básicas até o supérfluo. Uma outra interessante dimensão que o trabalho alcança é a transformação da educação em instrumento para se adquirir trabalho. As profissões que antes eram produto de transmissão de saber oral e mesmo por auxílio individual de mestres como na idade média e no renascimento europeu, passam já no século XIX a serem ensinadas em escolas, faculdades e até em universidades. O labor agora é ensinado às massas.

O processo industrial, o crescimento das cidades e a urbanização, juntamente com a laicização do saber, em muitas partes do mundo ocidental faz com que algumas profissões, trabalhos técnicos e especialidades surjam ou se desenvolvam em instituições de ensino. O capitalismo se reinventa massificando o ensino e formando trabalhadores cada vez mais especializados. A área e campo da saúde não foge à regra. Medicina e depois a enfermagem a partir do final do século XIX são especialidades que se ensinam a vários sujeitos tornando-os coletivos detentores do saber sanitário.

## **2.2 Enfermagem no mundo e no Brasil**

Desde os primórdios da civilização humana, os cuidados da pessoa inválida, adoecida ou mesmo debilitada sempre foi responsabilidade da família, dos sujeitos mais próximos e da comunidade em alguns casos. A divisão social do trabalho e ainda a divisão sexual do trabalho delegou à figura feminina, na maioria das vezes, o papel de cuidar dos adoecidos.



Sociedades pagãs, animistas e no alvorecer do cristianismo no ocidente, a figura da mulher como cuidadora dos enfermos se afirma e reafirma. Das cuidadoras individuais e familiares no seio da residência aos primeiros mosteiros e lugares cristãos de acolhimento de pobres e adoecidos, a mulher tem um papel central.

Geovanini (2005) considera que o principal marco do trabalho da Enfermagem aconteceu na guerra da Criméia na década de 1850, quando o Império Otomano, o Reino Unido, a França e o reino da Sardenha enfrentaram o Império Russo. Uma pessoa chamada Florence Nightingale foi levada com sua equipe de enfermeiras ao campo de batalha para supervisionar os hospitais de assistência aos soldados ingleses. Florence Nightingale trouxe uma nova perspectiva acerca da participação efetiva de mulheres no exército e em especial na função da enfermagem (Oguisso, 2005). As inovações promovidas por Florence Nightingale para as práticas de enfermagem foram revolucionárias e produziram métodos que se replicariam ao longo do tempo nas futuras escolas de enfermagem na Inglaterra e depois em grande parte do mundo.

Foi Florence Nightingale quem criou a primeira escola de enfermagem, a escola de enfermagem no Hospital St. Thomas em Londres em que compreendia a enfermagem como vocação e como profissão, contudo a religiosidade, os valores e costumes morais e culturais do final do século XIX e início do século XX marcaram esse início da enfermagem. Neste período qualquer mulher poderia vir a ser uma boa enfermeira, desde de que praticasse a obediência e a humildade (Nelson, 2001). Os primeiros cursos de enfermagem adotaram o sistema Nightingaleano e as alunas do curso de enfermagem eram consideradas Enfermeiras Padrão.

No Brasil, segundo Geovanini (2005) as primeiras manifestações de assistência aos doentes, ainda no período colonial foram realizadas pelos padres jesuítas que vieram ao Brasil para fazer a doutrinação religiosa da população local, em especial, a indígena. Para Kruse (2006) a enfermagem possui um modelo de trabalho assistencial e este pesquisador atribuiu a implantação da enfermagem moderna no Brasil à enfermeira *Ethel Parsons*, que criou o Serviço de Enfermeiras no DNSP (Departamento Nacional de Saúde Pública), pois o DNSP em 1923 promoveu a abertura da primeira escola de enfermagem brasileira, criada pelo Decreto número 16.300 de 31 de dezembro de 1923, como Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde e nomeada Escola de Enfermeiras D. Ana Néri.

A homenagem se deve à importância de Anna Nery para a profissão de enfermeira no Brasil em período que antecede a institucionalização da profissão e dos métodos da função. Assim, para compreendermos a história da enfermagem no Brasil é fundamental conhecer

Anna Nery. Segundo Abreu (1967), Ana Justina Ferreira nasceu em 13 de dezembro de 1814, na Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Pertencente a uma família de militares, possuía quatro irmãos, dois ocuparam as funções de Tenente-coronel e exerceram o comandando do 10º e do 41º Batalhões de Voluntários da Pátria, um dos irmãos era médico e outro corretor. Ainda segundo Abreu (1967), Anna Nery casou-se em 15 de maio de 1838 com Isidoro Antônio Néri, Capitão-tenente da marinha, nascido em Lisboa em 05 de setembro de 1800 e teve três filhos, Justiniano de Castro Rebello; Isidoro Antônio Néri e Pedro Antônio Néri. Em 1854 ela ficou viúva aos 29 anos de idade e com três filhos pequenos. Todos os filhos de Anna Nery seguiram o serviço militar. o filho mais novo Pedro Antônio Néri era cadete da Escola Militar do Rio de Janeiro e seguiu carreira militar, Justiniano de Castro Rebello e Isidoro Antônio Néri formaram-se médicos (Abreu, 1967, p.141).

Segundo Barreto (1876), com a entrada do Brasil na Tríplice Aliança, acordo militar entre o Brasil a Argentina e o Uruguai para combater o Paraguai na Guerra do Paraguai, que ocorreu entre 1864 e 1870, Anna Nery viu seus filhos partirem para a guerra e em uma carta em 08 de agosto de 1865 ao Presidente da Província da Bahia Manuel Pinto de Souza Dantas, se ofereceu para servir aos feridos de guerra, sendo então contratada como primeira enfermeira. Barreto (1876) ainda afirma que Anna Nery teria sido chamada de “A Mãe dos Brasileiros” por seus feitos no auxílio aos soldados. Reconhecida pela participação ativa e pela influência na criação de diversos cursos de enfermagem no Brasil, para os quais ela se dedicou após a guerra (Barreto 1876).

Contudo, mesmo após a importante participação de Anna Nery, da criação do DNSP e a criação das primeiras escolas de enfermagem no Brasil na década de 1920, a regulamentação da profissão aconteceu somente em 1955 pela Lei 2.604/55, atualizada com a criação da Lei nº 7.498 de 25 de junho de 1986, regulamentada pelo Decreto 94.406, de 8 de junho de 1987, artigo 8º, que trata do exercício profissional da enfermagem (Brasil, 2001). Esta lei também define os limites das atividades profissionais da enfermagem, bem como regulamenta a realização, a prescrição e a consulta próprias da enfermagem.

Embora houvesse uma enorme demanda pelo trabalho da Enfermagem, ainda havia uma enorme carência de recursos humanos de nível médio (Brasil, 2001 art. 23), e tal demanda permitiu a trabalhadores que naquele momento estavam trabalhando na área, mas sem a devida formação, continuassem exercendo tarefas de enfermagem desde que autorizados pelo COFEM (Conselho Federal de Enfermagem). Visando profissionalizar esses trabalhadores o Ministério da Saúde criou em 15 de outubro de 1999, por meio da portaria nº 1.262 o PROFAE - Projeto de Profissional de Formação dos Trabalhadores da Área de Enfermagem.

### **2.3 A graduação em Enfermagem e a dupla jornada de estudantes universitários que trabalham**

A profissão e o trabalho na enfermagem no Brasil vêm sendo, ao longo do século XX e neste século XXI regulamentada, bem como os cursos de enfermagem normatizados por meio de leis e decretos. As principais normas, regras e leis, referentes ao trabalho, a profissão e os direitos e deveres da área de enfermagem são a Lei 775/1949, sobre o ensino de enfermagem, o Decreto nº 27.426, de 14 de novembro de 1949, que aprovou o regulamento básico para os cursos de enfermagem e de auxiliar de enfermagem, a Lei 7.498/1986 que dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e em 8 de junho de 1987 é lançado o Decreto nº 94.406 que cria as Diretrizes Curriculares Nacionais de Graduação em Enfermagem para regular melhor os cursos vigentes e definir regras para a criação de novos. As Diretrizes Curriculares Nacionais de Graduação em Enfermagem estabelecem o perfil do formando egresso/profissional, as competências e habilidades, conteúdos curriculares, estágios e atividades complementares, organização do curso e acompanhamento e avaliação. A esta diretriz básica se somam os pareceres CNE/CES nº 1.133/2001, CNE/CES nº 33/2007 e CNE/CES nº 339/2009, e ainda a resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001 (Brasil, 2024). E um regramento mais atual se refere à Lei 14.434/22, aprovada pela Câmara dos Deputados em 2022 que estabeleceu o piso salarial para a categoria.

A melhoria da regulamentação e fiscalização do MEC tem razão de ser, pois entre 2017 e 2022, a oferta de cursos EaD em Saúde aumentou 602%, gerando preocupação do Conselho Nacional de Saúde e dos conselhos profissionais. A procura pela profissão e também pela educação formal na área/campo da saúde faz da enfermagem uma profissão que demanda muitas vagas em cursos de graduação e faz crescer a oferta destes cursos em todo território brasileiro.

Pinto *et. All.* (2022), afirma em seu artigo “Censo dos cursos de graduação em enfermagem brasileiros”, realizado em graduações públicas e privadas, que no Brasil, no período de 2018 a julho de 2019 eram 1.668 cursos de Enfermagem, sendo 1.509 (90,46%) privados e 159 (9,53%), públicos. Dentre os públicos, a maioria estava nas IES federais (82 ou 51,57%), seguidas das estaduais (74 ou 46,50%) e municipais (3 ou 1,88%). Neste mesmo estudo ao se analisar o turno a maioria dos cursos que aconteciam em um período, 54,79% eram noturnos com um total de 577 cursos. Do total geral de cursos de enfermagem noturno 0,69%, ou seja, apenas 4 eram públicos e 573, ou seja 99,30% eram privados. Os cursos

matutinos eram 381 (36,18%), sendo 18 (4,72%) públicos e 363 (95,27) privados. Os cursos vespertinos eram 94 (8,92%). Deles, apenas 1 (1,06%) era público e 93 (98,93%) privados. Em linhas gerais dos 1668 cursos 90,46% são privados e destes 577, 54,79% estudam a noite (Pinto *et. all*, 2022).

Como observado nos apontamentos de Pinto *et. all*. (2022), a grande oferta de cursos de graduação em instituições privadas nas modalidades presencial, semipresencial e EaD atrai uma enorme gama de sujeitos trabalhadores que, em sua maioria, optam pelo ensino noturno e com isto cresce a preocupação com a qualidade do ensino ofertado bem como as dificuldades enfrentadas por estes sujeitos que se tornam sujeitos vulneráveis frente aos desafios inerentes à relação precária que se estabelece entre o sonho e a realidade de tais cursos de graduação.

O contexto universitário normalmente integra o ciclo de vida dos adolescentes e/ou jovens com particularidades que repercutem na qualidade de vida e saúde de todos os envolvidos. A dinâmica que a vida acadêmica abarca, associada à jornada laboral podem interferir nos fatores relacionados ao estilo de vida e podem impactar na saúde (Damasceno *et. all.*, 2015).

A literatura que aborda os desafios de universitários que trabalham é escassa, mas pode-se observar que, mesmo escassa, os subsídios teóricos e práticos sobre o assunto estão longe de consenso. Assim, a associação entre trabalho e universidade provoca sérias discussões e debates acadêmicos. Por isso é fundamental pesquisar a respeito e entender como impactam a saúde desses sujeitos. A universidade, como uma produtora de conhecimento, formadora de cidadãos e de profissionais para o mercado e sociedade como um todo, pode desenvolver estratégias que aperfeiçoem e/ou melhorem as condições de vida e saúde desses sujeitos que a integram por um determinado período de tempo.

## CAPÍTULO 3

### 3. A SUA PROPOSTA

Toda pesquisa se origina de uma curiosidade, uma pergunta capaz de gerar anseio motivador, que leva o curioso a se tornar pesquisador. O pesquisador deve sempre procurar respostas às perguntas que ainda não foram respondidas ou o que foram colocadas de maneira insatisfatória. Esse é o caminho para os novos conhecimentos. (Goldenberg, 1993). Nesse sentido percebemos que toda pesquisa é um processo de construção do conhecimento que tem como metas principais gerar um novo conhecimento, corroborando ou refutando algum

conhecimento anterior. É um processo de aprendizagem para o indivíduo que a realiza e para a sociedade na qual ela se desenvolve.

Para Cervo, Bervian e da Silva (2007), a pesquisa científica deve buscar "encontrar respostas para problemas propostos, através do emprego de procedimentos científicos". Essa busca incessante e metódica por respostas é o enorme motor que move e direciona a ciência e através dela o conhecimento. Através da investigação destemida e sistemática, novas informações são descobertas, teorias desenvolvidas e conceitos aprimorados, enriquecendo o saber humano em todas as áreas (Rudestam & Newton, 2014).

Neste estudo analisamos as dificuldades enfrentadas por discentes do curso de graduação (Bacharel) em Enfermagem, que são trabalhadores. Buscamos de maneira incessante por respostas que pudessem trazer alguma luz a esta realidade, mas sobretudo procuramos transcender a mera coleta de dados e tentamos entender as dificuldades de estudantes trabalhadores, focando verdadeiramente na busca por soluções que pudessem mitigar alguns dos sofrimentos apontados, pois acreditamos que muitos dos desafios que enfrentamos na saúde, meio ambiente, tecnologia e educação podem ser superados através de investigações que busquem soluções eficazes e inovadoras (Triviños, 1987).

## **CAPÍTULO 4**

### **4. EXPERIMENTOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS**

#### **4.1 Método para a Avaliação**

Neste estudo usamos a amostragem como método para o embasamento da pesquisa, pois esta técnica possibilita analisarmos um pequeno grupo sem precisarmos pesquisar toda a população ou, neste caso, todos os estudantes trabalhadores, o que seria muito demorado ou mesmo impossível (Downing e Clark, 2006, p.3).

Segundo Gil (1999), nas investigações que adotam a abordagem do método qualitativo busca-se compreender a realidade de determinados fenômenos a partir da percepção e análise de dados qualificáveis. Richardson (1999) afirma que a pesquisa qualitativa apresenta em suas bases a prevalência da qualificação dos dados em detrimento da mera quantificação e às suas percepções para a compreensão do meio social, e, por fim, despreocupação no tocante a medidas.

Assim, para alcançar nossos objetivos optamos em submeter um questionário semiestruturado à um público alvo desejado. Vieira (2009) em seu livro “Como elaborar

questionários”, sugere que um questionário é um instrumento de pesquisa constituído por uma série de questões sobre um determinado tema. A autora propõe que é preciso construir um questionário quando a ideia é fazer um levantamento de dados específicos relacionados a uma pesquisa. As perguntas devem ser elaboradas considerando clareza, objetividade e precisão do questionário (Moreira, 2009).

Para Richardson (2009), existem três categorias de perguntas para compor os questionários sendo questionários de perguntas abertas, questionários de perguntas fechadas e questionários mistos, que combinam os dois tipos. Neste estudo optamos por criar um questionário com perguntas fechadas escalonadas em que as alternativas foram organizadas em escala, de maneira que o respondente indicasse seu posicionamento diante da pergunta. Exemplo: Você é a favor da descriminalização do porte de maconha? Totalmente favorável. Moderadamente favorável. Indiferente. Moderadamente contrário. Totalmente contrário. Essa nossa opção corrobora com Richardson (2009, p. 189) que afirma que “o questionário é realmente uma entrevista estruturada”.

## **4.2 Experimentos**

Os questionários foram impressos em folha A4, frente e verso, impresso em tinta preta, sem qualquer espaço para identificação, foi entregue em envelope pardo, fechado, individualmente para cada aluno que se prontificou a participar da pesquisa. Cada participante poderia definir onde preencher, sendo que todos teriam até uma semana para entregar novamente os envelopes com os questionários respondidos e lacrados na secretaria da IES, onde foram deixados em uma pasta tipo arquivo. Nenhum envelope continha nenhum tipo de identificação pessoal dos participantes. O período total para coleta dos dados foi de um mês.

## **4.3 Avaliação dos Resultados**

### **4.3.1 Análise do perfil sociodemográfico**

A fim de compreender o perfil sociodemográfico dos sujeitos participantes da pesquisa, as primeiras perguntas versaram sobre gênero, jornada de trabalho e renda.

Assim, o perfil desta amostragem trouxe que:

#### **QUANTO AO GÊNERO**

- 86,3% são mulheres e
- 13,7% homens.

#### **QUANTO A JORNADA DE TRABALHO E RENDA**

- 40 meses, a média de tempo no trabalho atual
- 9 horas a carga horária diária

## QUANTO A RENDA

- Entre 2 a 4 (dois a quatro) salários mínimos, sendo que nenhum dos entrevistados tem qualquer tipo de financiamento estudantil.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020), cerca de 59% dos postos de trabalho na área da saúde são ocupados por enfermeiras, representando cerca de 90% do total de 28 milhões de enfermeiras e enfermeiros em todo o mundo. No Brasil, os dados são bem próximos e segundo o Conselho Federal de Enfermagem 85% da força de trabalho da Enfermagem brasileira é desempenhada por mulheres.

A enfermagem tem sido marcada por uma divisão sexual e de gênero do trabalho, com a predominância feminina e, segundo Fugulin (2002), essa associação entre gênero e profissão não é casual, mas sim resultado de processos sociais que atribuem significados específicos à masculinidade e à feminilidade no contexto do cuidado em saúde.

A persistência de escolhas tradicionais, com a concentração das mulheres em áreas como as ciências humanas e da saúde evidenciam estereótipos desta sociedade patriarcal que escolhe qual o melhor papel a ser desempenhado. Ávila e Portes (2009) destacam que as escolhas profissionais de homens e mulheres ainda são influenciadas por processos de socialização que associam determinadas áreas do conhecimento a um gênero específico.

Em relação à questão de gênero, Barroso & Mello (1975) afirmam que embora o acesso das mulheres ao ensino superior tenha tido avanços significativos, as desigualdades de gênero na educação brasileira persistem. Historicamente, as mulheres enfrentaram barreiras significativas o que resultou em uma menor representatividade no ensino. A partir da década de 1970, observa-se uma mudança nesse cenário, com um aumento gradual da participação feminina nas universidades.

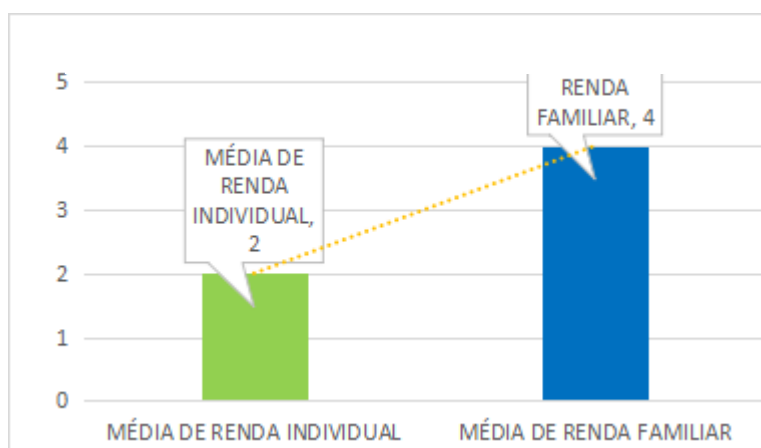
Segundo Guedes (2008), o acesso ao ensino superior representa uma importante ferramenta para a ascensão social das mulheres e possíveis mudanças do paradigma histórico. O acesso à universidade representa não apenas uma oportunidade de formação e qualificação profissional, mas também um desafio às estruturas de poder historicamente masculinas.

Lopes e Leal (2005) argumentam que a associação entre cuidado e feminilidade se relaciona com a construção social do cuidado, com origens vinculadas a instituições religiosas e à figura da mulher como cuidadora doméstica. Essa vinculação contribui para a hierarquização das profissões, com a enfermagem ocupando uma posição subordinada.

Contudo, temos que salientar que em nossa pesquisa observamos que a procura em fazer uma graduação em enfermagem representa uma busca por parte dos sujeitos em obter uma melhor colocação no mercado e um emponderamento frente a uma sociedade desigual e machista. O maior número de mulheres fazendo este tipo de graduação sustenta tal afirmação devido ao fato do curso de ensino superior representar o anseio de parcela considerável da população de ascensão social e rompimento com as amarras do patriarcalismo e do machismo tão presentes na sociedade brasileira.

Outro fator também importante é determinado pela classe social e sua renda. A maioria dos entrevistados é representante de uma classe média baixa, assalariada com rendimentos entre dois e quatro salários mínimos. Tal perfil de renda nos permite afirmar que estes sujeitos não conseguiram disputar vagas nas IES públicas ou que já terminaram o ensino médio há algum tempo e retornam para a faculdade a partir das chances de um curso na área da saúde noturno e de ensino privado em que as disputas por vagas não é tão acirrada quanto nas IES públicas. Sobre renda dos estudantes, observe o gráfico a seguir:

#### GRÁFICO 1 – PERFIL POR RENDA



Fonte: Santos AJ. 2024.

Montali (2004) já havia identificado um cenário semelhante em seu estudo sobre rearranjos familiares, precarização do trabalho e empobrecimento. A autora encontrou em seu estudo que quase metade dos ingressantes em sua amostra também declarava renda familiar de até três salários mínimos. Essa convergência de resultados entre as pesquisas reforça a importância de considerar os desafios socioeconômicos que permeiam o acesso e a



permanência no ensino superior, especialmente para estudantes provenientes de famílias com renda limitada.

Fonseca (2019) ao comparar estudantes de Enfermagem brasileiros e portugueses, constatou que a renda familiar média dos portugueses se situava entre quatro e dez salários mínimos, evidenciando uma considerável disparidade entre os participantes. E ainda segundo Fonseca (2019), essa diferença socioeconômica pode influenciar significativamente o desempenho acadêmico e as perspectivas profissionais dos estudantes.

Outro dado interessante sobre desempenho tem a ver com a quantidade de horas trabalhadas por dia e por semana pelos estudantes que cursam a graduação noturna em enfermagem. A nossa pesquisa encontrou que a quantidade de horas trabalhadas diariamente pelos estudantes é de nove horas e por semana são quarenta e quatro.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2024) aponta que a jornada de trabalho média no Brasil de 44 horas semanais está acima da média mundial de 38,2 horas. Essa disparidade evidencia que os trabalhadores brasileiros, em média, dedicam mais tempo às atividades laborais.

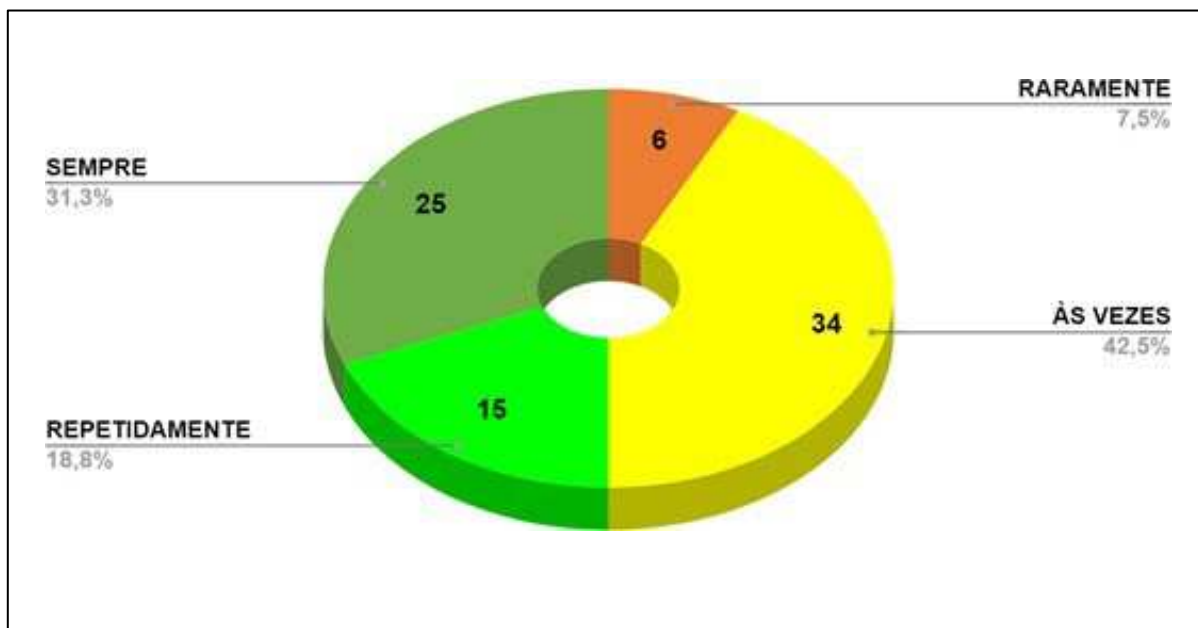
Assim, este extrato da sociedade que trabalha em regime de 44 horas semanais e nove horas diárias, ao se formarem em enfermagem encontrará uma realidade muito semelhante em termos de tempo de trabalho. LEE (2009) aponta para uma realidade ainda mais preocupante no mercado de trabalho brasileiro, sendo que em 2008, 33,7% dos trabalhadores da Enfermagem exerciam jornadas superiores a 44 horas semanais e 19,1% ultrapassavam as 48 horas semanais.

A jornada de trabalho na enfermagem brasileira vem sendo debatida, com propostas de redução da carga horária. Atualmente, a Resolução COFEN (Conselho Federal de Enfermagem) nº 293/2004 estabelece 36 horas semanais para atividades assistenciais, mas o mesmo COFEN busca apoio político para alterar a Resolução de 2004 e reduzir esse limite para 30 horas semanais, visando melhorar as condições de trabalho e a qualidade da assistência à saúde.

Se juntarmos a jornada diária de nove horas trabalhadas e o tempo de aula diário de quatro horas e meia em média pelos estudantes pesquisados, teremos uma quantidade de tempo em torno de 13 horas e meia/dia, uma carga horária bastante difícil, principalmente se for associada com atividades próprias do cuidado com a casa, filhos e diversos outros fatores.

Para entender os impactos dessa carga horária dupla e extensa na vida dos estudantes trabalhadores, foi perguntado aos participantes da pesquisa com que frequência se sentem cansados durante as aulas e as respostas podem ser observadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 2 – PERGUNTA 1 – Com que frequência você se sente cansado (a) durante as aulas?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

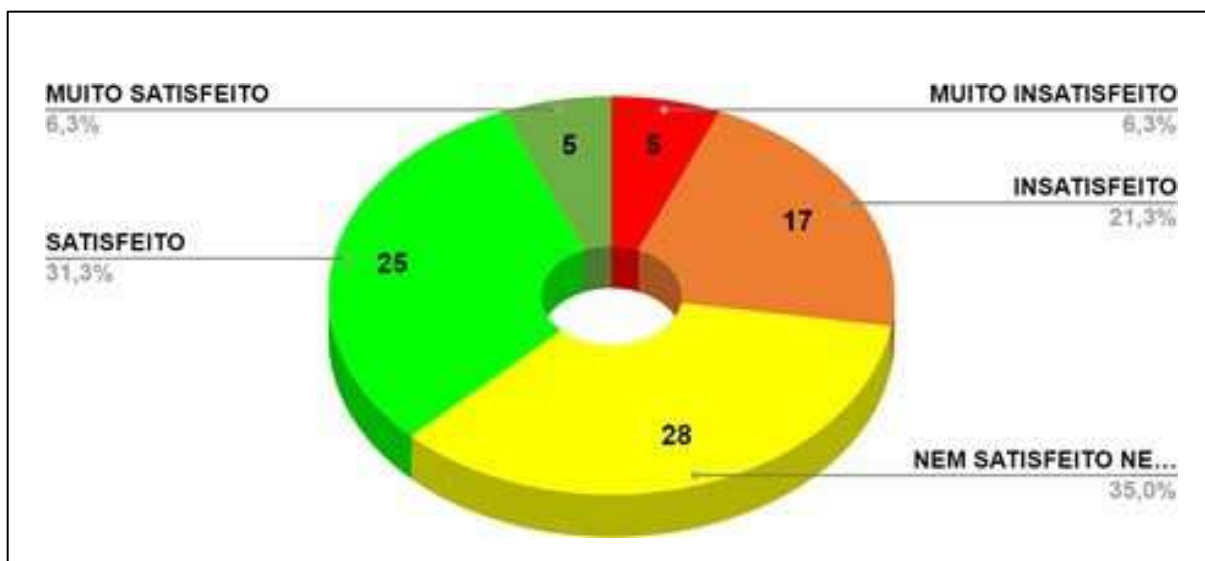
Observamos que 74 pessoas, o equivalente a 92,5% dos entrevistados se sentem cansados durante as aulas. Este percentual agrupa os que se sentem cansados às vezes, os que se sentem REPETIDAMENTE e os que SEMPRE se sentem assim.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) as condições em que as pessoas vivem, trabalham, estudam e se relacionam podem gerar impactos na sua saúde e qualidade de vida (Lopes, 2021; Who, 2008). Mendes *et. all.* (2018), investigaram o impacto do trabalho na vida acadêmica de estudantes de enfermagem, identificando que a conciliação entre estudo e trabalho pode gerar sobrecarga e afetar o desempenho acadêmico.

O cansaço já era esperado em nossa hipótese, apenas se confirmou. Contudo, este cansaço pode levar ao adoecimento e provavelmente estão relacionados a transtornos mentais e outros graves enfrentamentos como o abandono de curso e o desestímulo para estudar.

A próxima pergunta que realizamos aos participantes da pesquisa foi se o participante estava satisfeito com sua disposição em estudar e os resultados dessa indagação podem ser visualizados no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 3 – PERGUNTA 2 – Você está satisfeito(a) com a sua disposição para estudar?**



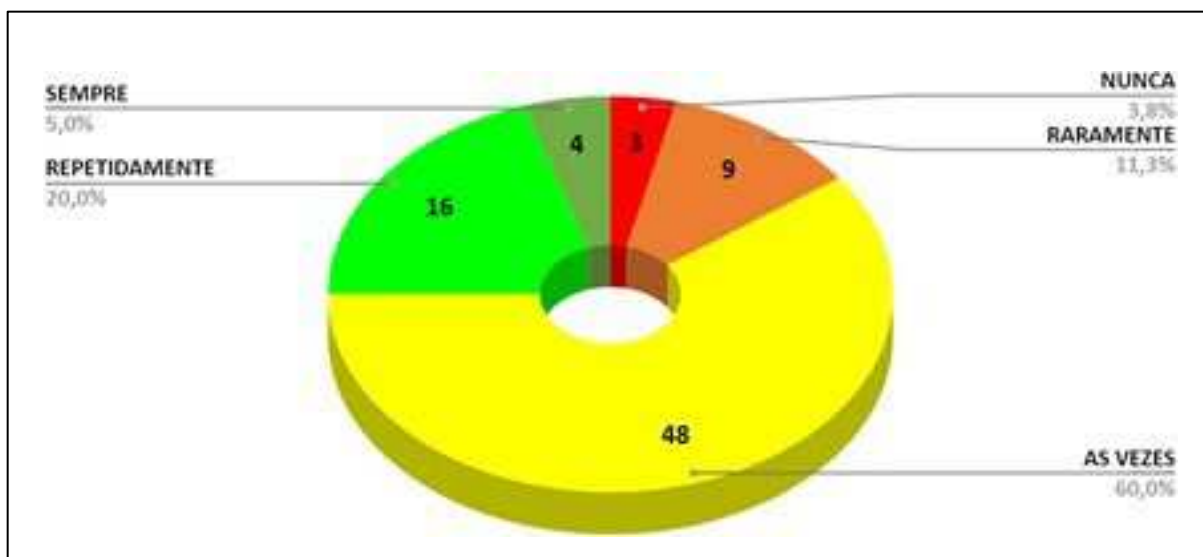
Fonte: Santos AJ. 2024.

Se agruparmos as respostas para tal indagação em muito INSATISFEITO, INSATISFEITO e NEM SATISFEITOS E NEM INSATISFEITOS encontramos 61,6% dos entrevistados, enquanto SATISFEITOS e MUITO SATISFEITOS são apenas 38,4%. Concluimos que a satisfação pessoal depende de vários fatores e um deles é o cansaço e o tempo despendido para realizar as duas coisas no mesmo dia, o trabalho e o estudo.

Em seu estudo Souza (2010) destaca que a insatisfação com o próprio desempenho ou com o curso, vai além da fronteira do cansaço e pode estar relacionada ao fato do engajamento ou não desses discentes ao programa curricular oferecido pela instituição. Então a satisfação, que é rigorosamente individual, passa a ser também coletiva, pois também depende do quanto a instituição que oferta a educação se interessa e deixa os discentes interessados pela causa em si, o curso de graduação e os desígnios de uma nova profissão.

Assim, somados o cansaço de cada um e o grau de satisfação individual e coletivo, temos um grave acontecimento dos cursos noturnos, o sono. Esta situação deriva de vários fatores, dentre os quais os cansaços físico e mental são componentes importantes. Para auferir tal situação realizamos a pergunta sobre a frequência com que os estudantes participantes da pesquisa se sentiam sonolentos durante as aulas. As respostas podem ser analisadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 4 – PERGUNTA 3 – Com que frequencia você se sente sonolento(a) durante as aulas?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

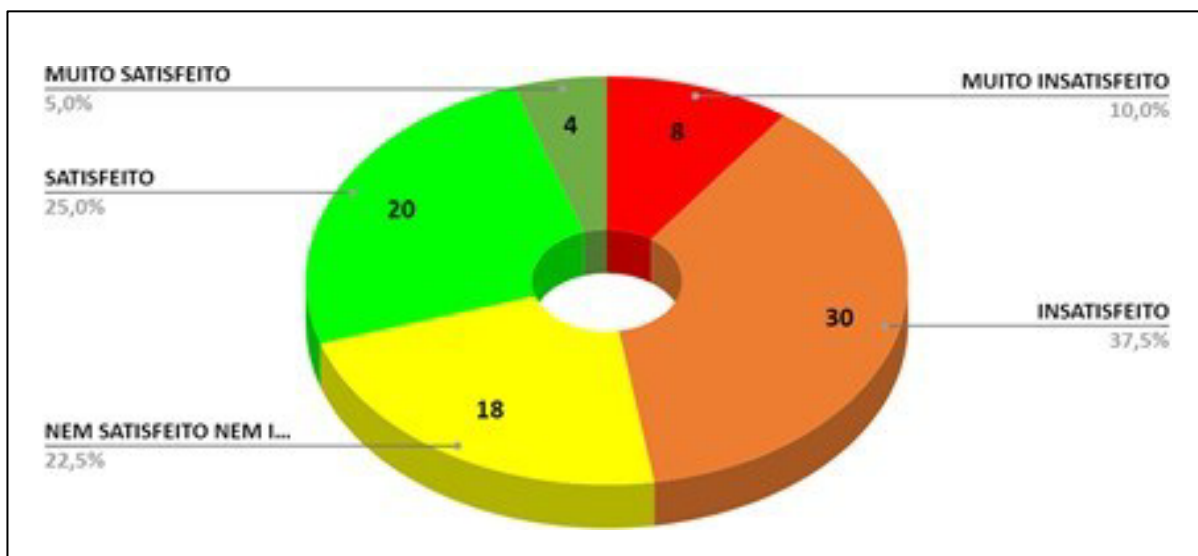
Se agruparmos as respostas para a pergunta em que aparecem sonolentos às vezes, repetidamente e sempre, encontramos 85% dos participantes da pesquisa que se sentem sonolentos e apenas 15% que NUNCA ou RARAMENTE se sentiram sonolentos.

Neste âmbito é essencial compreender que a sociedade contemporânea tem desenvolvido cada vez mais estilos de vida interligados ao relógio social, no qual, horários de trabalho e escola, muitas vezes, não estão em harmonia com o tempo biológico dos indivíduos, prejudicando assim a saúde individual e coletiva (Lopes, 2021).

Entendemos que um curso de graduação e a produção de profissionais competentes não se podem medir pela quantidade de horas perdidas em sonolência. A graduação vai mais além que aulas teóricas e práticas, passa pela técnica, laboratórios, as experiências práticas na residência, a convivência no meio social e o quanto os discentes irão buscar recuperar, ou mesmo mitigar o que não assimilou nos períodos de sonolência.

Contudo, este percentual de respostas mostra-se preocupante quando se relaciona à próxima pergunta sobre satisfação com o tempo que os participantes da pesquisa possuem para dormir. As respostas podem ser observadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 5 – PERGUNTA 4 – Você está satisfeito com o tempo que você possui para dormir?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

O percentual de 38% que respondeu insatisfeito e insatisfeito e os 18% que responderam nem satisfeito e nem insatisfeito, ou seja, indefinido com a pergunta e a situação e os 24% que responderam SATISFEITO e MUITO SATISFEITO, demonstram que a maioria não se encontra em estado de satisfação com o tempo de descanso para as atividades laborais e estudantis. O Ministério da Saúde divulgou em 17 de março de 2023, em comemoração ao DIA MUNDIAL DO SONO, estudos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em que se afirma que 72% dos brasileiros sofrem de doenças relacionadas ao sono, entre elas, a insônia.

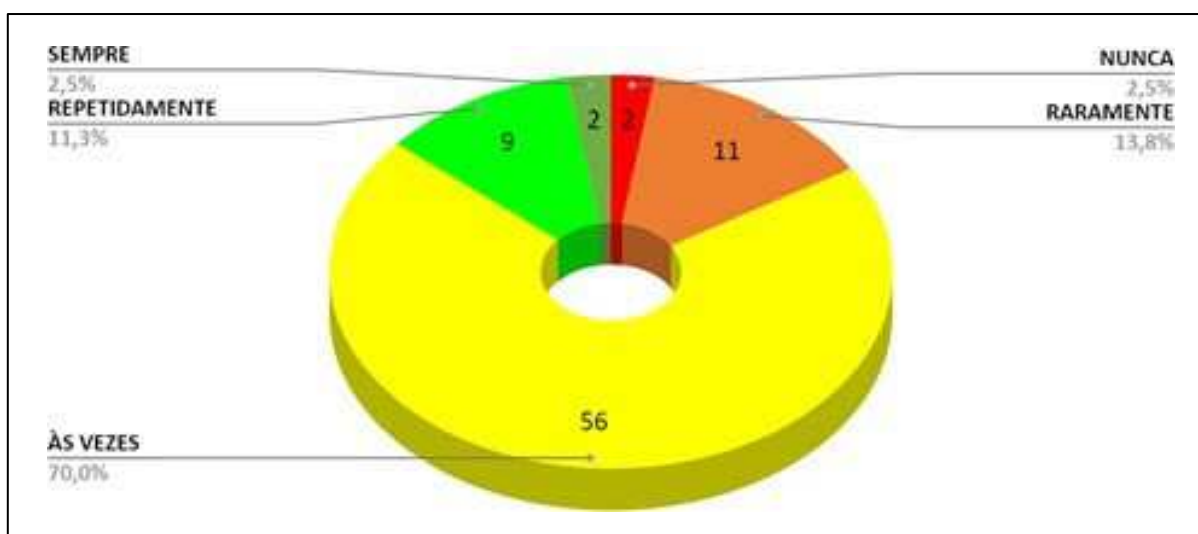
Segundo Walker (2018), o sono é um estado ativo essencial para diversas funções fisiológicas, não é apenas um período de inatividade, segundo o autor durante o sono o cérebro consolida as informações aprendidas ao longo do dia, fortalecendo as conexões neurais necessárias para a formação de memórias de longo prazo, sendo corroborado por (Stickgold, 2005).

A privação crônica do sono está associada a um maior risco de desenvolvimento de diversas doenças, como obesidade, diabetes, doenças cardiovasculares e até mesmo declínio cognitivo e demência (Knutson & Van Cauter, 2008). Uma boa noite de sono é fundamental para a regulação do humor e das emoções, enquanto a privação está associada ao aumento da irritabilidade, ansiedade e depressão (Carskadon & Dement, 2017).

A sociedade moderna tem ocasionado, cada vez mais, a busca por aperfeiçoamento e atualização profissional, promovendo nos sujeitos inseridos nesta sociedade a busca por mais anos de escolaridade e, em especial, por cursos universitários, nos quais os indivíduos almejam o bom posicionamento no mercado de trabalho. Paradoxalmente, esses sujeitos da sociedade moderna, marcadamente de países subdesenvolvidos, necessitam ingressar no âmbito laboral simultaneamente à formação universitária, estabelecendo uma dupla jornada entre o trabalho e o estudo universitário (Marchini, *et al.*, 2019). Apresentam então uma sobrecarga que se exprime na condição precária de restaurar o corpo e a mente na hora do repouso.

Tal afirmação pode ser mais bem analisada a partir da próxima pergunta feita aos participantes da pesquisa. A pergunta se refere à frequência que o discente se sente incapaz de aprender o conteúdo. As respostas a este questionamento podem ser visualizadas no gráfico a seguir

**GRÁFICO 6 – PERGUNTA 5 – Com que frequência você se sente incapaz de aprender o conteúdo das aulas?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

Se agruparmos as respostas para este questionamento em ÀS VEZES, REPETIDAMENTE e SEMPRE 83,5% dos participantes da pesquisa disseram que se sentem incapazes de aprender e apenas 16,5% dos participantes da pesquisa afirmaram que NUNCA ou RARAMENTE se sentem incapazes de aprender. As respostas para este questionamento

refletem o conjunto de situações em que o cansaço, a dupla jornada de esforço diário e as dificuldades de ser trabalhador e estudante escancaram.

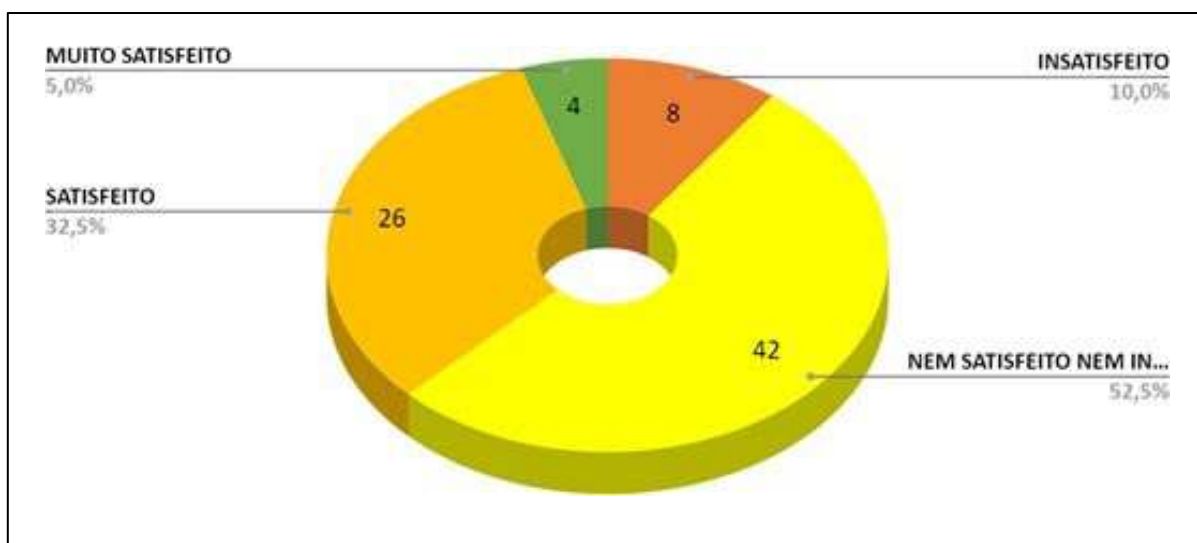
Ainda que a educação seja essencial para a construção da sociedade moderna, já que promove o conhecimento, em países subdesenvolvidos percebe-se uma dicotomia neste constructo, uma vez que, uma grande gama de sujeitos que ingressam em cursos universitários, principalmente os que trabalham estão em constante pressão devido às cobranças, estresses e falta de tempo, o que colabora para uma baixa qualidade de vida e baixo rendimento. (Lopes, 2021).

Hancock et al. (2022), descreve que seja o cansaço físico ou mental, ele certamente impactará negativamente os processos cognitivos essenciais para a aprendizagem como atenção, concentração, memória de trabalho e velocidade de processamento da informação. Hockey (2013), por sua vez discute como a fadiga mental pode levar à diminuição da motivação, aumento da irritabilidade e redução da capacidade de manter o esforço cognitivo necessário para a aprendizagem eficaz.

Petersen *et. all.* (2009) e Petersen *et. all.* (2010) demonstraram que o desempenho acadêmico e a capacidade de adaptação do estudante à universidade estão relacionadas às características individuais dos estudantes e sobre como eles lidam com as demandas acadêmicas. Contudo, tais demandas podem ser dirimidas pela atuação propositiva da instituição que oferta tais cursos de graduação bem como o apoio do corpo docente dos mesmos.

É consistente apontar que o cansaço e a fadiga comprometem as funções cognitivas essenciais para a aquisição e retenção de conhecimento, impactando negativamente o desempenho acadêmico. Tal constatação é complexa e quando relacionamos esta verdades com a próxima pergunta fica ainda mais preocupante. A pergunta em questão se refere a quanto o discente está satisfeito com seu próprio rendimento acadêmico. As respostas a este questionamento podem ser observadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 7 - PERGUNTA 6 – O quanto você está satisfeito(a) com seu rendimento acadêmico?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

Nas respostas encontramos que 30% dos participantes da pesquisa disseram se sentir SATISFEITO e MUITO SATISFEITO e 8% SE SENTEM INSATISFEITOS. O que chama a atenção é o agrupo de 42% dos participantes da pesquisa que se disseram NEM SATISFEITOS e NEM INSATISFEITO.

Diogo *et al* (2016) afirmam que os/as discentes podem sentir-se insatisfeitos quando a realidade do curso não corresponde às suas expectativas iniciais em relação ao conteúdo, metodologia de ensino ou oportunidades de carreira. Na mesma linha de pensamento Souto Maior (2009) e Pezzini & Szymanski (2007) afirmam que conteúdos pouco relevantes, metodologias de ensino passivas e a falta de conexão com o mundo do trabalho podem levar à desmotivação e, consequentemente, à insatisfação com o próprio rendimento.

Para Martins (2021) fatores como problemas financeiros, dificuldades familiares, questões de saúde mental e falta de apoio social podem impactar negativamente o desempenho acadêmico e gerar insatisfação. Outro problema importante é a percepção da falta de preparo dos professores, métodos de ensino inadequados, infraestrutura precária e falta de recursos também contribuem para a insatisfação discente.

Ezcurra (2011) afirma que os estudantes trabalhadores correm o risco de “adentrar a universidade através de uma porta giratória”. Aferindo que tais estudantes não terão o aproveitamento devido e necessário ao processo formativo no espaço acadêmico, que se apresenta deficitário de meios adequados para solucionar as demandas educacionais.

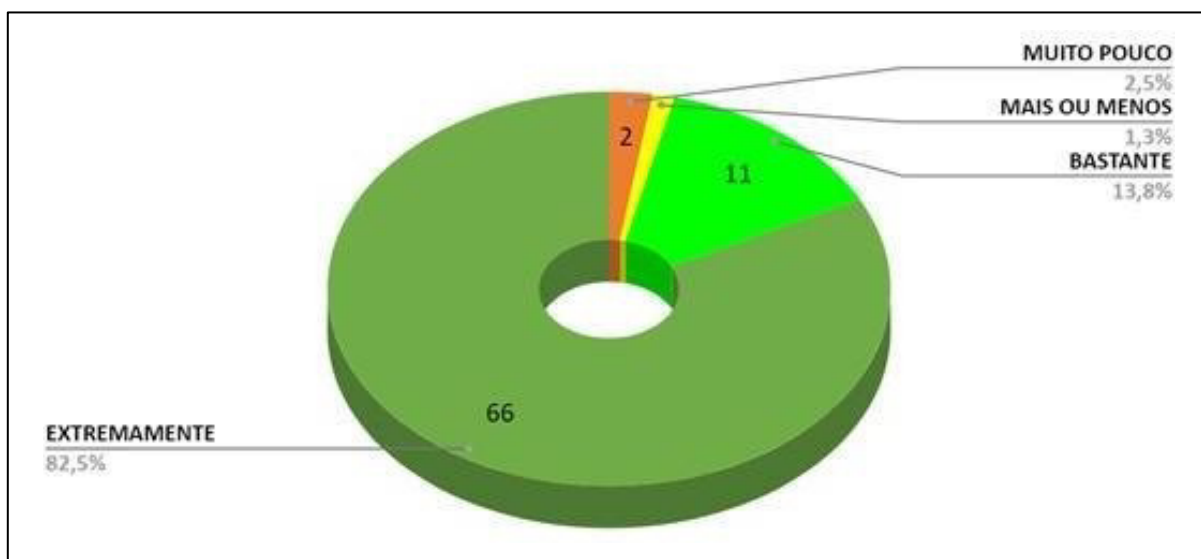


Problemas de compreensão, falta de habilidades de estudo adequadas ou dificuldades específicas de aprendizagem podem levar a um baixo rendimento e à frustração do discente (Ferreira & Casanova, 2013). A pressão para melhorar o desempenho e a frustração com os resultados podem levar a níveis elevados de estresse e ansiedade.

A plena satisfação individual com seu rendimento escolar encontrada em quase um terço dos participantes da pesquisa se contrasta com os 42% que estão indecisos quanto sua própria condição, demonstra um estado de coisas preocupante quanto aos anseios e preocupação com seu futuro na graduação e na escolha de sua profissão. A estes se juntam os outros 8% que afirmaram categoricamente estar insatisfeitos com seu próprio rendimento escolar.

Estas constatações se tornam mais preocupantes quando confrontamos a situação apresentada pela pergunta anterior com a próxima pergunta apresentada aos participantes da pesquisa. Como dito anteriormente, a satisfação é individual até certo ponto. A pergunta em questão é prospectiva, ou seja, trabalha com anseios e desejos para o futuro. A pergunta é sobre o quão importante é o curso de graduação e sua formação para sua vida. As respostas para este questionamento podem ser visualizadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 8 – PERGUNTA 7 – O quão importante você considera o seu curso e sua formação para sua vida?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

Se agruparmos as respostas EXTREMAMENTE e BASTANTE IMPORTANTE, significa que para 96,3% o curso de graduação é importante para a vida dos participantes da pesquisa. Apenas 1,3% afirmaram ser MAIS OU MENOS importante e 2,5% responderam ser o curso de graduação MUITO POUCO importante para suas vidas. Estas respostas definem muito do coletivo de alunos trabalhadores e que cursam graduação noturna. As relações de classe e os processos de uma sociedade ainda calcada no escravismo, machista e patriarcal, para as massas de trabalhadores a educação é uma válvula de escape, para enfim se apegar na ínfima possibilidade de ascensão social e melhoria de renda e de encaixe na sociedade como um todo. As dificuldades apresentadas pelos discentes que participaram da pesquisa vislumbradas nas perguntas anteriores são para este conjunto de sujeitos apenas um percalço para se conseguir romper as amarras do estamento social.

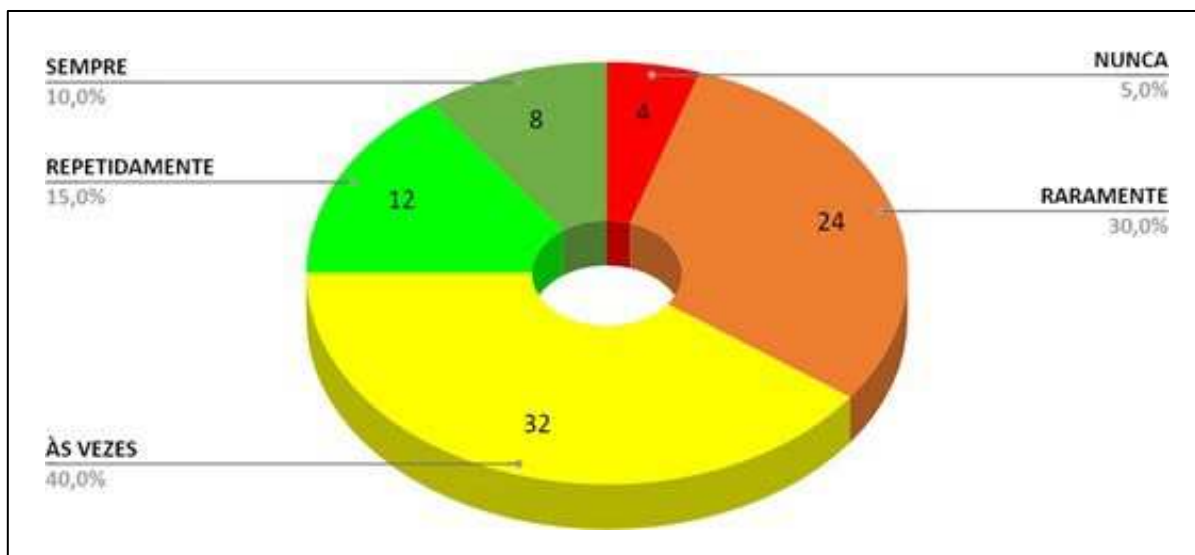
A partir da resposta dos participantes da pesquisa a educação é vista como única maneira da classe média baixa de se posicionar no mercado competitivo de um mundo cada vez mais globalizado, complexo, fluído e que tem na especialização/qualificação da mão de obra a maior arma para a competitividade entre as mesmas classes de trabalhadores que a desejam. A educação para muitos destes entrevistados é redentora e libertadora, mas profundamente atrelada às amarras do modo de produção capitalista que relega aos não graduados, não técnicos ou não especialistas, os piores salários e as piores condições sociais e de vulnerabilidade.

A formação acadêmica possui uma importância múltipla, impactando tanto o indivíduo quanto a sociedade como um todo. Sob a perspectiva individual, autores como Teixeira e Gomes (2004) apontam que a educação superior está associada a melhores oportunidades de emprego, salários e estabilidade profissional. Certamente, a formação acadêmica transcende a obtenção de um diploma, representando um investimento crucial no desenvolvimento individual e coletivo. Para Robbins (2005) no momento que o indivíduo perceber quais são seus sonhos estará disposto a trabalhar e se esforçará para realizá-los e, portanto, se sentirá motivado para tal.

O sonho da classe trabalhadora pode ser resumido em melhorar sua qualidade de vida. E qualidade de vida não é apenas representada pelo salário e os ganhos financeiros, mas um conjunto de coisas que promovam saúde, tais como o descanso, o ócio, a cultura e o lazer, com impactos significativos no mercado de trabalho e na vida social das pessoas. Respondido o quanto importante o curso é, prosseguimos a uma próxima pergunta que fizemos aos

participantes da pesquisa sobre a frequência da prática de atividades de lazer. As respostas para este questionamento podem ser observadas e analisadas no gráfico a seguir.

#### GRÁFICO 9 – PERGUNTA 8 – Com que frequência você pratica atividades de lazer?



Fonte: Santos AJ. 2024.

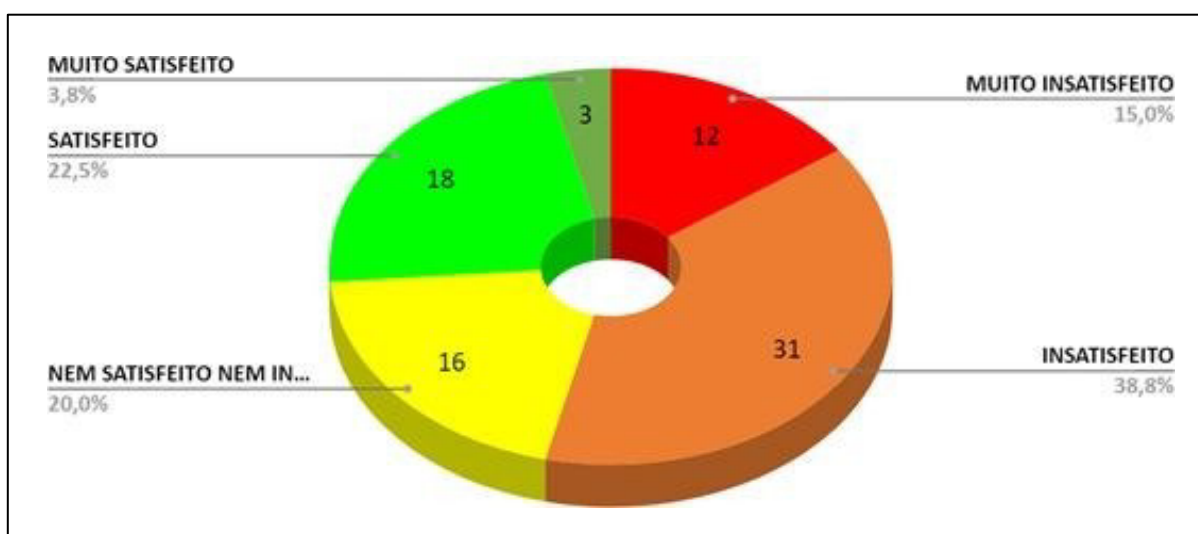
Para Bezerra (2015), o lazer é um conjunto de atividades de descanso e recreação realizadas após o trabalho ou estudo no tempo livre. Seguindo este raciocínio para 75% dos participantes da pesquisa a atividade de lazer, do ócio ou do descanso tem frequência baixa ou nula. Somente 20% dos participantes da pesquisa disseram ter no lazer uma prática cotidiana de atividade e de ócio.

Dement & Vaughan (1999) afirmam que o descanso adequado melhora a atenção, a concentração, a capacidade de tomar decisões além de melhorar a capacidade de resolver problemas. Já a falta de sono prejudica essas funções cognitivas, impactando o desempenho em diversas atividades.

Podemos inferir que o mundo do trabalho e dos estudos ocupa a maior parte do tempo dos que não possuem atividades de lazer ou mesmo a praticam muito pouco. A sobrecarga de trabalho e o acúmulo de atividades extra sala produzem um sujeito em que as atividades cotidianas apresentam apenas tempo para a focalização do seu ganho, sustento e visão de uma realidade melhor no futuro baseada na educação. Isto não implica que os outros 20% dos entrevistados que praticam atividades de lazer semanal estejam no caminho errado, muito pelo contrário, a realidade deveria ser a de que todos trabalhadores e estudantes pudessem desfrutar de atividades lúdicas, físicas e de ócio.

Contudo, a realidade do trabalhador e estudante no Brasil escancara a dura constatação de que as classes trabalhadoras dispõem de pouco tempo e recurso financeiro para atividades de descanso e de lazer. Tais análises coadunam com as respostas obtidas na próxima pergunta aos participantes da pesquisa. A eles foi indagado sobre o grau de satisfação quanto ao tempo para a prática de atividades de lazer. As respostas podem ser observadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 10 – PERGUNTA 9 – O quanto você está satisfeito(a) com o tempo que você possui para praticar atividades de lazer?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

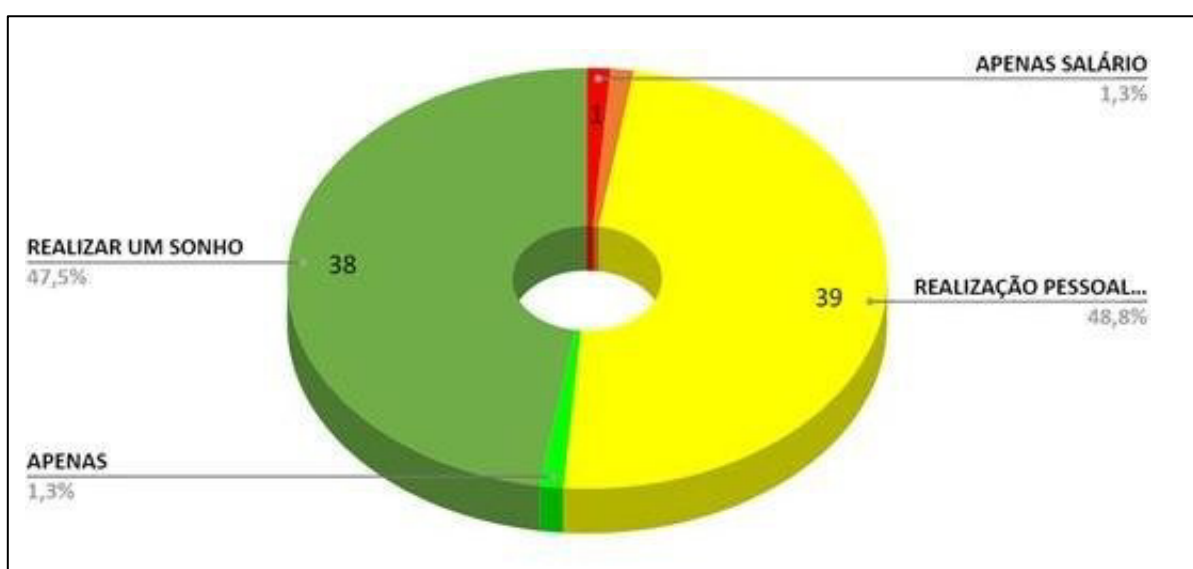
Estudos como o de Lima (2013), demonstram que o lazer é essencial para o bem-estar dos estudantes, atuando como um fator de proteção contra o estresse e a sobrecarga acadêmica. Ao dedicar tempo a atividades prazerosas, os estudantes podem melhorar sua saúde mental e física. Contudo, para 53,8% a satisfação é rara ou inexistente quanto ao tempo disponível para a atividade de lazer. E para 21% dos participantes da pesquisa este tempo é suficiente e adequado. Chama a atenção a resposta de 16% dos participantes da pesquisa que se declararam indecisos quanto a este tempo. Ou seja, a maioria dos entrevistados alega que o tempo dedicado à prática do ócio e do lazer não é suficiente.

Nesta sociedade global, complexa e de tempos rápidos o “tempo” de lazer para a maioria das pessoas é curto ou mesmo inexistente. Para os sujeitos com dupla ou tripla jornada de atividades profissionais, educacionais e de sua moradia, o tempo é cada vez mais para o mundo do trabalho e para atividades direta ou indiretamente relacionadas a ele. Com isto inferimos que a maioria dos participantes da pesquisa estão sobrecarregados de atividades

que se relacionam ao mundo do trabalho e o tempo para descanso e de reflexão de sua própria existência, do convívio com familiares e círculo de amizade, o estabelecer suas redes de apoio e o seu pertencimento na sociedade e no território está cada vez menor ou praticamente ausente.

Esta íntima relação dos sujeitos participante da pesquisa ao mundo do trabalho fica evidente quando analisamos as respostas da próxima pergunta. Esta pergunta versa sobre o maior objetivo dos sujeitos ao se formarem no curso de graduação. As respostas podem ser analisadas a partir do gráfico a seguir.

**GRÁFICO 11 – PERGUNTA 10 – O seu maior objetivo ao se formar neste curso:**



Fonte: Santos AJ. 2024.

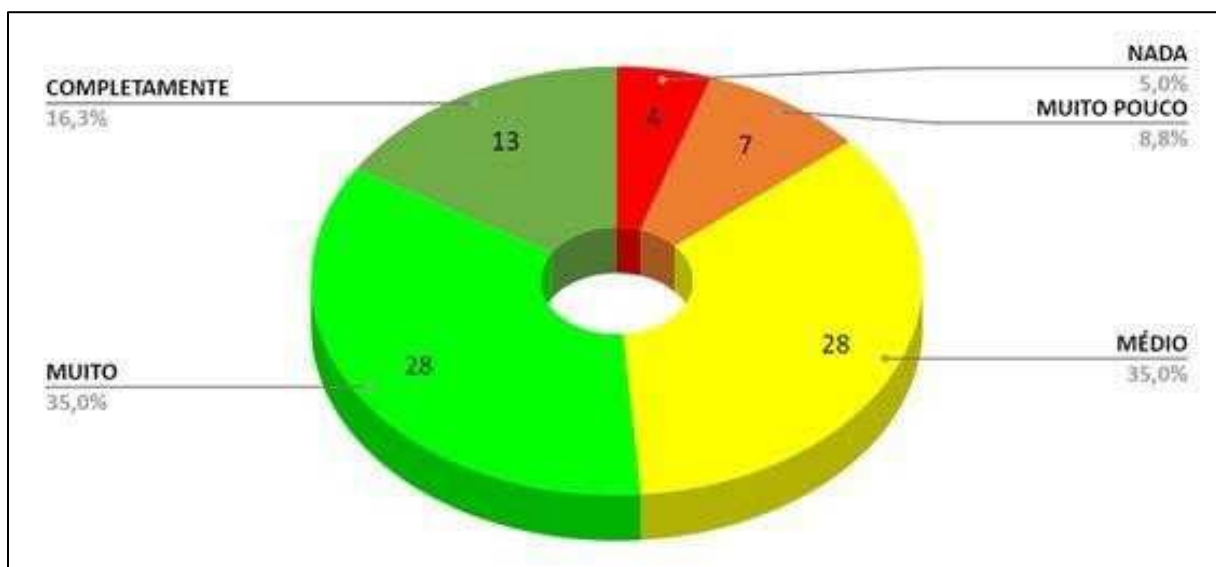
Para esta indagação, 96,3% dos participantes da pesquisa responderam que buscam realizar um sonho e a realização pessoal. Para 1,3% dos entrevistados a conclusão da graduação lhes trará benefícios salariais e também 1,3% afirmaram que a graduação é apenas uma graduação.

Câmara *et al.* (2014), em estudo sobre a motivações de estudantes para cursar enfermagem, destacam que a escolha pela enfermagem também é motivada pela expectativa de boas oportunidades profissionais e melhor remuneração, o que pode influenciar na percepção de satisfação profissional em longo prazo. Schultz (1973), afirma que a melhora da escolaridade está diretamente relacionada com a melhoria dos ganhos e desempenho do sujeito no mercado de trabalho. Ou seja, quanto maior a escolaridade, maior a possibilidade

de aumento de renda do indivíduo e, conseqüentemente, do desenvolvimento da sociedade em que esse indivíduo está inserido.

Contudo, ao observarmos a situação laboral como se apresenta no momento da aplicação do questionário aos participantes da pesquisa, percebemos duas situações. A primeira explicita a vontade de mudar de área/campo de trabalho e a segunda diz respeito a vontade de se qualificar para o enfrentamento do mundo do trabalho com melhores condições ou chances de colocação. Em relação à primeira das situações elencadas podemos constatar sua pertinência analisando a próxima pergunta que foi colocada aos participantes da pesquisa. A pergunta versa sobre o trabalho atual dos discentes, se é cansativo/exaustivo ou não. As respostas podem ser observadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 12 - PERGUNTA 11 – Você julga o seu trabalho cansativo e exaustivo?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

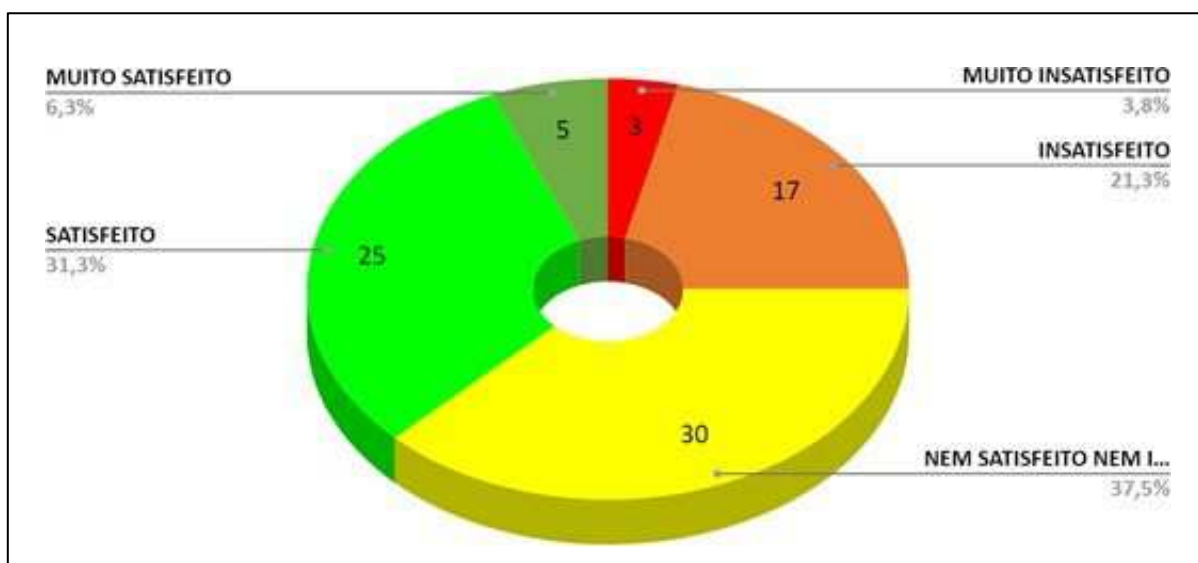
Para 51,3% dos participantes da pesquisa, com o agrupamento das respostas completamente e muito, asseveraram que seu trabalho atual é cansativo/exaustivo. E apenas 13,8% dos discentes responderam que não creem que seu trabalho atual seja exaustivo ou cansativo. E 35% dos participantes da pesquisa disseram que seu trabalho atual lhe provoca uma média exaustão ou cansaço. Assim, entre a situação de média a completamente exaustão e cansaço a maioria vê no emprego atual uma situação de estresse, cansaço e exaustão física e mental.

Para Bauk (1985) vários fatores podem estar relacionados a insatisfação no trabalho, como a carga de trabalho excessiva, a interferência do trabalho na vida particular e a carência de autoridade, todos esses fatores torna o trabalho exaustivo. A qualidade de vida no trabalho

não está associada apenas ao operacional, mas ao ambiente de trabalho, um ambiente ruim pode levar muita insatisfação e sensação de cansaço. Da mesma forma Zohar (1997) diz que a sobrecarga de trabalho, os altos níveis de expectativas do indivíduo com relação a si próprio e a organização levam a insatisfação.

Silva *et all.* (1998) argumenta que a insatisfação e exaustão são decorrentes do conteúdo e da carga de trabalho. A satisfação no trabalho ou sua expressão contrária nem sempre se reflete na satisfação sobre a demanda de horas trabalhadas. Podemos inferir que a exaustão no trabalho pode ser causada por uma variedade de fatores e é fato que exaustão se relaciona com a qualidade de vida do trabalhador impactando no seu rendimento acadêmico. Esta afirmação pode ser vislumbrada nas respostas da próxima pergunta feita aos participantes da pesquisa. A pergunta foi sobre a satisfação do discente com sua jornada de trabalho e as repostas podem ser visualizadas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 13 – PERGUNTA 12 – Você está satisfeito(a) com a sua jornada de trabalho semanal?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

Para 37,6% dos participantes da pesquisa a jornada de trabalho realizada semanalmente é satisfatória. Para 37,5 dos discentes esta jornada de trabalho é dúbia, nem satisfatória nem insatisfatória e 25,1% dos participantes da pesquisa afirmaram que a jornada de trabalho semanal é insatisfatória. Para Hackman e Oldham (1980), a satisfação no trabalho

se relaciona a quatro conceitos, sendo: a possibilidade de crescimento, a qualidade das lideranças, o sistema de compensação e a sensação segurança no trabalho.

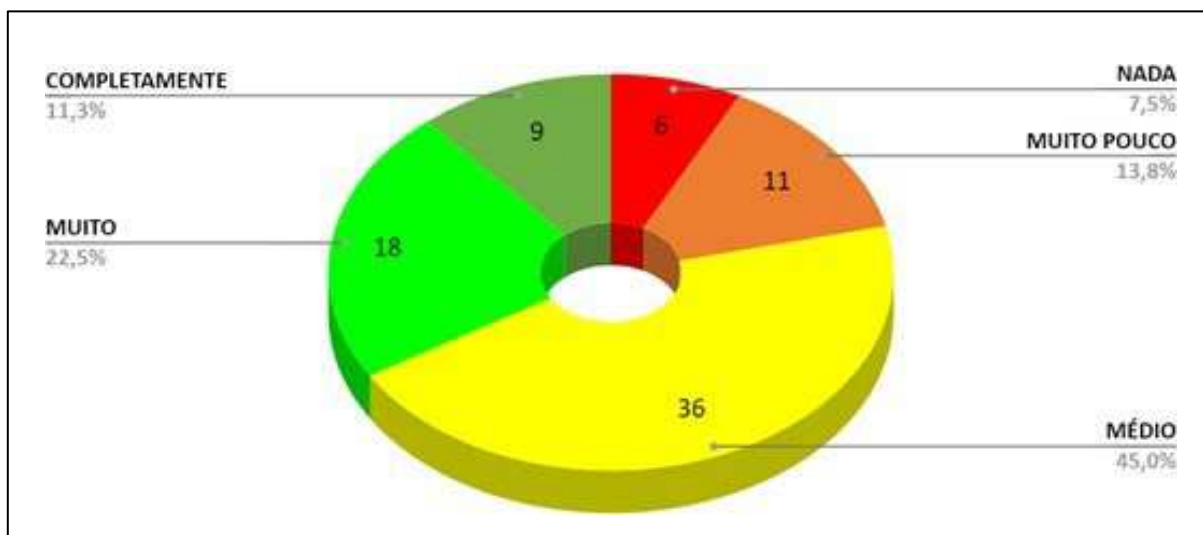
Deluiz (2001) afirma que no mundo do trabalho precarizado em que os trabalhadores precisam se submeter a rotatividade de empregos como meio de manutenção de sua empregabilidade, o trabalhador aceita a culpabilização pela sua situação de exclusão e à busca a empregabilidade. Lévy-Leboyer (1994) propõe que as pessoas/empregados querem ser respeitadas enquanto indivíduos e esperam ser valorizadas por suas realizações e estão em busca de cargos que tenham algum significado e permitam autorrealização.

Dejours (1994/1999) afirma que o trabalho passa a ser prazeroso quando é reconhecido e tem sentido para o trabalhador. De maneira geral o trabalho precisa ser uma construção da qual o trabalhador faz parte. Seguindo nesta linha de raciocínio, percebemos que a exaustão e cansaço apresentados no gráfico 12 não estão inteiramente explicitados nas respostas do gráfico 13. As respostas ao questionamento do gráfico 13 demonstram que os trabalhadores não relacionam diretamente seu desgaste físico e mental ao volume de horas trabalhadas e nem mesmo direcionam a situação de labor ao tempo demandado a ele.

Um trabalhador que considera seu trabalho exaustivo está provavelmente experimentando um estado de fadiga física, mental e emocional significativo, com relação a este trabalho e pode ter diversas causas e consequências, sendo uma dos principais o comprometimento das funções cognitivas essenciais para a aquisição e retenção de conhecimento. Provavelmente estas situações estressoras para os participantes da pesquisa estejam diretamente relacionadas. Esta linha de análise coaduna com a pergunta realizada a seguir. A pergunta feita aos participantes da pesquisa foi sobre as condições de trabalho e as respostas podem ser vislumbradas a seguir.



**GRÁFICO 14 – PERGUNTA 13 – As condições de trabalho (temperatura, luminosidade, barulho, etc.) do seu cargo são adequadas?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

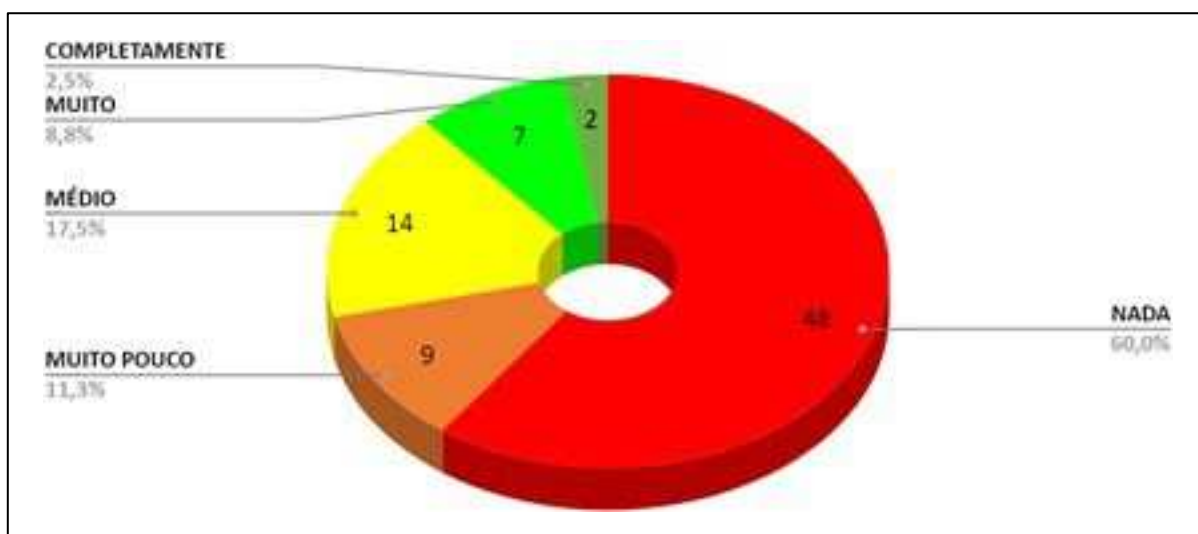
Se agruparmos as respostas médio, muito pouco e nada para as respostas sobre as condições de trabalho (temperatura, luminosidade, barulho, etc.) do seu cargo são adequadas, 66,3% exclamaram sua insatisfação. E 33,7% dos participantes da pesquisa responderam que as condições de seu trabalho são adequadas. Quando dois terços dos respondentes afirmam que as condições laborais não são satisfatórias quanto a questões como luminosidade, temperatura e barulho e outros podemos inferir que o lugar do labor em si é um fator estressante, maior que a quantidade de tempo depreendida em sua realização. A qualidade ambiental do local de trabalho pode ser um fator importante na produção de sujeitos vulneráveis ao processo saúde-doença.

Limongi e Rodrigues (2011) dizem que o estresse nos locais de trabalho prejudica não só a saúde, mas o desempenho dos trabalhadores. Nesse sentido a boa adequação do local de trabalho, que tem como foco principal adaptar as funções e ou atividades laborais aos seus operadores, reduz riscos e doenças ocupacionais e pode assim promover uma melhor adaptação da pessoa ao trabalho (Marqueze e Moreno, 2005).

Contudo, em relação às respostas dos participantes da pesquisa sobre o lugar e fatores estressantes de seu ambiente de trabalho demonstram que no modo de produção capitalista o que impulsiona suas estruturas internas ainda são precárias quanto ao bem estar do trabalhador. De fato, o que se almeja é a máxima extração do lucro no momento presente e

não se relaciona ao momento futuro ou mesmo de um maior reconhecimento sobre as interações ambientais ou mesmo de especialização ou de qualificação futura de seus empregados. Tal afirmação pode ser corroborada nas respostas à próxima pergunta feita aos participantes da pesquisa. A pergunta é sobre o investimento da empresa na formação do trabalhador. As respostas podem ser vislumbradas no gráfico a seguir.

**GRÁFICO 15 – PERGUNTA 14 – A empresa em que você trabalha oferece algum tipo de suporte para sua formação?**



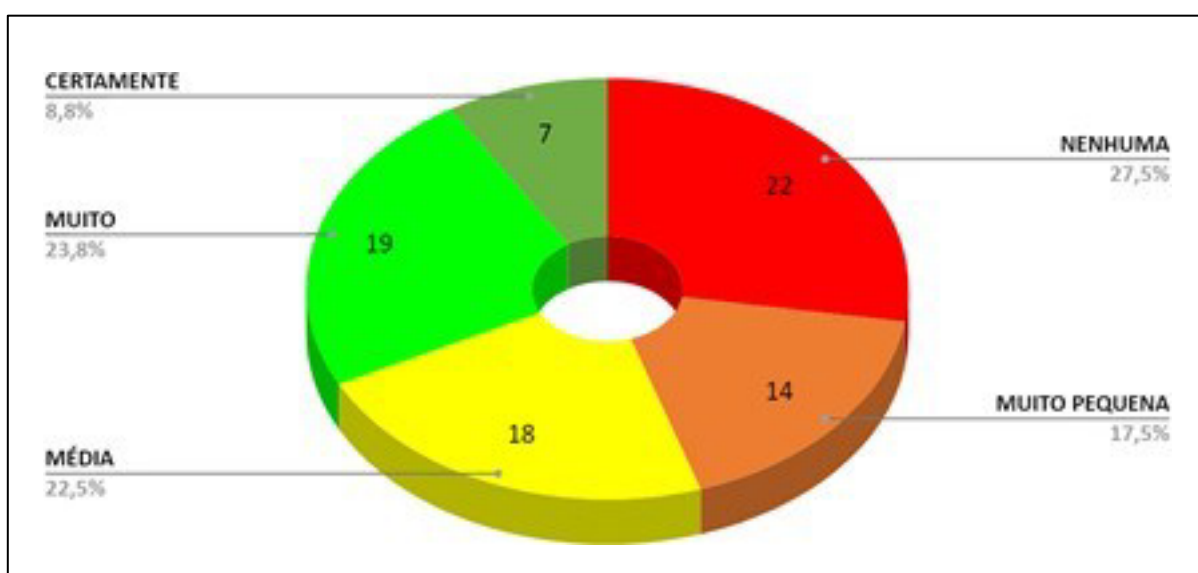
Fonte: Santos AJ. 2024.

Sobre este questionamento, 71,3% dos participantes da pesquisa afirmaram que a empresa empregadora não oferece suporte financeiro ou mesmo quanto a tempo disponibilizado para a graduação do trabalhador. E para 28,8% dos participantes da pesquisa a empresa em que trabalha oferece algum tipo de suporte. Duas prováveis análises derivam destas repostas. A primeira e mais simples é a de que a formação em enfermagem para os 71,3% não seja de interesse ou mesmo da área de atuação daquela empresa. A outra seria sobre a lógica de que o investimento para certas empresas ou mesmo segmentos de trabalho e empreendimento não diz respeito a cursos de graduação e sim cursos técnicos em que a mão de obra se qualifica para aquele segmento em que a empresa está inserida.

A desmotivação e a insatisfação dos colaboradores podem criar um ambiente de trabalho negativo, afetando a colaboração, a comunicação e o desempenho geral da equipe. Assim, se o discente trabalhador atua em uma área distinta da lógica da graduação em

enfermagem ou mesmo esta qualificação não esteja nos planos gerenciais da empresa o investimento na formação e qualificação do trabalhador fica prejudicada. E com isso as chances deste discente trabalhador continuar no mesmo ofício após a graduação são muito pequenas, como podemos observar nas respostas da próxima pergunta. A pergunta realizada aos participantes da pesquisa é sobre as chances deste discente trabalhador ficar na mesma empresa após a conclusão da graduação em enfermagem. As respostas a esta indagação podem ser analisadas a partir do gráfico a seguir.

**GRÁFICO 16 – PERGUNTA 15 – Ao se formar qual a chance de você continuar no seu trabalho?**



Fonte: Santos AJ. 2024.

Se agruparmos as respostas em média, muito pequena e nenhuma, 67,5% dos participantes da pesquisa alegam não ficar na empresa atual após a conclusão da graduação em enfermagem. E 32,5% afirmaram ter chances de permanecerem na mesma empresa. Este quase um terço dos respondentes podem estar incluídos no grupo que deseja ter um diploma de graduação como a realização de um sonho antigo ou mesmo trabalhar na área de saúde desde agora. Contudo, para mais de dois terços dos discentes trabalhadores, a área de formação em saúde não se relaciona diretamente ao seu trabalho atual ou mesmo esta relação pode ser conflitante e não veem chances de permanecer na mesma empresa em que atuam.

Para Bauk (1985), a falta de conhecimento sobre oportunidades de progresso e promoção no trabalho e o modo como ocorre a avaliação da performance profissional são os fatores mais significantes relacionados ao estresse e à insatisfação no trabalho.

A decisão de um colaborador de deixar uma empresa tem sempre múltiplos motivos e raramente se resume a um único fator. Envolvem-se questões pessoais e profissionais, assim como diferenças nas perspectivas futuras relacionadas ao trabalho. Aqui podemos inferir que desde a procura pelo curso de Enfermagem até a sua conclusão ou formação são fatores que se relacionam com a busca por novas possibilidades oferecidas por esta área, trata-se portanto da busca por um ambiente com maior potencial de empregabilidade.

As imensas possibilidades abertas sobre o assunto não se esgotam facilmente. Para maior abrangência das análises, as quinze perguntas foram agrupadas em quatro grupos e tiveram sua interrelação entre os temas e a lógica do processo. Assim vamos à análise dos agrupamentos.

#### **4.3.2 Analise das perguntas relacionadas por assuntos**

**GRUPO 1 - RELAÇÃO COM O DESGASTE FÍSICO E MENTAL** - 1 - Com que frequência você se sente cansado(a) durante as aulas? 2 - Você está satisfeito(a) com a sua disposição para estudar? 3 - Com que frequência você se sente sonolento(a) durante as aulas? 7 - Você está satisfeito com o tempo que você possui para dormir?

**GRUPO 2 - RELAÇÃO COM O CURSO** - 5 - Com que frequência você se sente incapaz de aprender o conteúdo das aulas? 6 - O quanto você está satisfeito(a) com o seu rendimento acadêmico. 7 - O quão importante você considera o seu curso e sua formação para sua vida. 10 - O seu maior objetivo ao se formar neste curso?

**GRUPO 3 - RELAÇÃO COM LAZER** - 8 - Com que frequência você pratica atividades de lazer? 9 - O quanto você está satisfeito(a) com o tempo que você possui para praticar atividades de lazer?

**GRUPO 4 - RELAÇÃO COM TRABALHO ATUAL** - 11 –Você julga o seu trabalho cansativo e exaustivo? 12 – Você está satisfeito(a) com a sua jornada de trabalho semanal? 13 – As condições de trabalho (temperatura, luminosidade, barulho, etc.) do seu cargo são adequadas? 14 – A empresa em que você trabalha oferece algum tipo de suporte para a sua formação? 15 – Ao se formar qual a chance de você continuar no seu trabalho?

As tabelas a seguir descrevem as respostas e trazem uma média das mesmas.

**TABELA 1 - RELAÇÃO COM O DESGASTE FÍSICO E MENTAL**

PERGUNTAS	RESPOSTAS				
1 - Com que frequência você se sente cansado(a) durante as aulas?	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	REPETIDAMENTE	SEMPRE
	0	6	34	15	25
2 - Você está satisfeito(a) com a sua disposição para estudar?	MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
	5	17	28	25	5
3 - Com que frequência você se sente sonolento(a) durante as aulas?	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	REPETIDAMENTE	SEMPRE
	3	9	48	16	4
4 - Você está satisfeito com o tempo que você possui para dormir?	MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
	8	30	18	20	4
<b>MÉDIA DAS RESPOSTAS</b>	<b>4</b>	<b>16</b>	<b>32</b>	<b>19</b>	<b>10</b>
<b>MÉDIA PERCENTUAL</b>	<b>5%</b>	<b>19%</b>	<b>40%</b>	<b>24%</b>	<b>12%</b>

Fonte: Santos AJ. 2024.

Podemos ver que 74% dos entrevistados se sentem cansados, AS VEZES, REPETIDAMENTE ou SEMPRE, destes 50% Estão MUITO INSATISFEITOS, INSATISFEITOS ou NEM INSATIFEITOS, NEM SATISFEITOS, com sua disposição para estudar, e 76% estão MUITO INSATISFEITOS, INSATISFEITOS OU NEM INSATISFEITOS, NEM SATISFEITOS, quanto ao tempo de dormir.

A partir desses números apresentados em nossa pesquisa podemos inferir uma estreita correlação entre o cansaço, a sonolência e a insatisfação para estudar. O cansaço resultante de uma rotina difícil, pouco tempo para dormir e o esforço mental intenso e prolongado, debilita a capacidade cognitiva. Um cérebro exausto tem dificuldade em processar novas informações,

manter o foco e realizar tarefas que exigem atenção. Essa fadiga física e mental, por sua vez abre as portas para a sonolência. A mente divaga, o rendimento cai drasticamente e a frustração começa a se instalar.

O cansaço, a sonolência e a insatisfação representam um enorme obstáculo ao processo de aprendizagem, com implicações para o desempenho acadêmico e o bem-estar dos estudantes. Compreender essa interconexão é crucial para o desenvolvimento de estratégias de estudo eficazes e para a promoção de hábitos de vida saudáveis que otimizem a capacidade cognitiva e a satisfação com a jornada acadêmica. Estas dimensões analisadas se relacionam fortemente com as outras dimensões apresentadas na tabela 2 a seguir.

**TABELA 2 - RELAÇÃO COM O CURSO**

PERGUNTAS	RESPOSTAS				
5 - Com que frequência você se sente incapaz de aprender o conteúdo das aulas?	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	REPETIDAMENTE	SEMPRE
	2	11	56	9	2
6 - O quanto você está satisfeito(a) com o seu rendimento acadêmico:	MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
	0	8	42	26	4
7 - O quão importante você considera o seu curso e sua formação para sua vida:	NADA	MUITO POUCO	MAIS OU MENOS	BASTANTE	EXTREMAMENTE
	0	2	1	11	66
10 - O seu maior objetivo ao se formar neste curso?	APENAS SALÁRIO	APENAS REALIZAÇÃO PESSOAL	REALIZAÇÃO PESSOAL E SALÁRIO	APENAS TER UMA FORMAÇÃO	REALIZAR UM SONHO
	1	1	39	1	38
<b>MÉDIA DAS RESPOSTAS</b>	1	6	35	10	28
<b>MÉDIA PERCENTUAL</b>	1%	7%	43%	15%	34%

Fonte: Santos AJ. 2024.

Neste grupo podemos ver que 67 pessoas se sentem incapazes de aprender, sendo 56 AS VEZES, 9 REPETIDAMENTE E 2 SEMPRE. Quando perguntados sobre o rendimento acadêmico 50 respondentes se disseram MUITO INSATISFEITOS, INSATISFEITOS OU NEM INSATISFEITOS, NEM SATISFEITOS. Quanto a importância do curso para formação, 78 respondentes acreditam ser MAIS OU MENOS, BASTANTE E EXTREMAMENTE IMPORTANTE. Sobre o objetivo ao se formar, 39 participantes dizem que é por REALIZAÇÃO PESSOAL e 38 PARA REALIZAR UM SONHO, apenas 1 pessoa disse que era pelo SALARIO APENAS.

Nesta análise podemos ver que uma parcela significativa do grupo (67 pessoas) experimenta, em diferentes níveis, um sentimento de incapacidade de aprender. A maioria (56 pessoas) vivenciam isso AS VEZES, outras 9 pessoas se sentem REPETIDAMENTE INCAPAZES. Esses casos podem indicar problemas mais profundos como dificuldades de aprendizado não identificadas, baixa autoestima acadêmica ou até mesmo questões de saúde mental que precisam ser investigadas e abordadas com apoio adequado.

Essa constatação, sob uma perspectiva acadêmica, suscita importantes reflexões acerca de potenciais fatores subjacentes e implicações para o processo de aprendizagem e o bem-estar dos estudantes. A análise demonstra uma forte correlação entre dificuldades emocionais, possivelmente associadas ao cansaço e o desempenho acadêmico, reforçando a importância de uma investigação que permita compreender as barreiras ao aprendizado e a proposição de abordagens para mitigar essas dificuldades. Um desses questionamentos se refere ao tempo livre, e tal dimensão pode ser analisada a partir da tabela 3 a seguir.

**TABELA 3 - RELAÇÃO COM LAZER**

PERGUNTAS	RESPOSTAS				
8 - Com que frequência você pratica atividades de lazer?	NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	REPETIDAMENTE	SEMPRE
	4	24	32	12	8
9 - O quanto você está satisfeito(a) com o tempo que você possui para praticar atividades de	MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
	12	31	16	18	3

lazer?					
<b>MÉDIA DAS RESPOSTAS</b>	8	28	24	15	6
<b>MÉDIA PERCENTUAL</b>	10%	34%	30%	19%	7%

Fonte: Santos AJ. 2024.

Neste agrupamento 10% dos participantes disseram que estão NUNCA ou MUITO INSATISFEITO. E 34% dos participantes disseram que estão RARAMENTE ou INSATISFEITO. Para 30% dos participantes disseram que estão ÀS VEZES ou NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO. E para 19% dos participantes disseram que estão REPETIDAMENTE ou SATISFEITO. Bem como para 7% dos participantes que disseram que estão SEMPRE ou MUITO SATISFEITO.

Dement & Vaughan (1999) destacam que sobrecarga de atividades acadêmicas, prazos exigentes e a pressão por desempenho podem levar os discentes a negligenciarem o tempo dedicado ao descanso e ao lazer, atividades reconhecidas como essenciais para a recuperação física e mental. A dificuldade em conciliar o tempo produtivo com o tempo de lazer ecoa as discussões sobre o equilíbrio entre vida pessoal e profissional.

Para Iso-Ahola (1999) o lazer desempenha um papel fundamental na redução do estresse, na promoção do bem-estar psicológico e no desenvolvimento de habilidades sociais e criativas. A ausência dessas atividades pode privar os estudantes de mecanismos importantes para lidar com as pressões acadêmicas e para manter uma perspectiva saudável em relação aos estudos e à vida em geral.

É evidente a maioria das pessoas participantes da pesquisa (59 pessoas) se dizem MUITO INSATISFEITAS, INSATISFEITAS OU NEM INSATISFEITAS, NEM SATISFEITAS, com o tempo de lazer evidenciando a dificuldade de conciliação entre o tempo produtivo e o tempo para descanso. Sendo que 44% dos participantes disseram que NUNCA ou RARAMENTE praticam alguma atividade de lazer. Se o descanso é essencial para o bem estar, esta análise leva a uma percepção perturbadora de que os discentes pesquisados não possuem esse tempo. Mesma percepção podemos auferir quando analisamos a situação atual de labor dos sujeitos participantes da pesquisa melhor analisada a partir da tabela

4 a

seguir.



**TABELA 4 - RELAÇÃO COM TRABALHO ATUAL**

PERGUNTAS	RESPOSTAS				
11 – Você julga o seu trabalho cansativo e exaustivo?	NADA	MUITO POUCO	MAIS OU MENOS	BASTANTE	EXTREMAMENTE
	4	7	28	28	13
12 – Você está satisfeito(a) com a sua jornada de trabalho semanal?	MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
	3	17	30	25	5
13 – As condições de trabalho (temperatura, luminosidade, barulho, etc.) do seu cargo são adequadas?	NADA	MUITO POUCO	MAIS OU MENOS	BASTANTE	EXTREMAMENTE
	6	11	36	18	9
14 – A empresa em que você trabalha oferece algum tipo de suporte para a sua formação?	NADA	MUITO POUCO	MAIS OU MENOS	BASTANTE	EXTREMAMENTE
	48	9	14	7	2
15 – Ao se formar qual a chance de você continuar no seu trabalho?	NEHUMA	MUITO PEQUENA	MÉDIA	MUITO GRANDE	CERTAMENTE VAI CONTINUAR
	22	14	18	19	7
<b>MÉDIA DAS RESPOSTAS</b>	17	12	25	19	7
<b>MÉDIA PERCENTUAL</b>	21%	15%	32%	24%	9%

Fonte: Santos AJ. 2024.

Neste grupo, 21% dos participantes disseram que estão NADA, MUITO INSATISFEITO ou NENHUMA satisfação com o TRABALHO ATUAL. Para 15% dos participantes disseram que estão MUITO POUCO, INSATISFEITO ou MUITO PEQUENA. E para 32% dos participantes disseram que estão MAIS OU MENOS, NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO ou MÉDIA. Para 24% dos participantes disseram que estão

BASTANTE, SATISFEITO ou MUITO GRANDE. E para 9% dos participantes disseram que estão EXTREMAMENTE, MUITO SATISFEITO ou CERTAMENTE VAI CONTINUAR no local atual de trabalho.

Barnett & Gareis (2007) destacam que os desafios inerentes à conciliação das demandas laborais e acadêmicas, incluindo a sobrecarga de trabalho, a falta de tempo para descanso e estudo estão intimamente ligadas ao aumento dos níveis de estresse. Nesse contexto, o apoio empresarial à formação, seja por meio de bolsas de estudo, horários flexíveis ou outras formas de suporte, pode atuar como um fator mitigador dessas dificuldades, demonstrando o reconhecimento e o valor da empresa pelo investimento educacional de seus colaboradores.

Ao vermos que cinquenta (50) pessoas estão MUITO INSATISFEITAS, INSATISFEITAS ou NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO e compararmos esse resultado com a de que setenta e uma (71) pessoas não recebem nenhuma ajuda da empresa para estudarem, essa disparidade sugere fortemente que a falta de perspectiva do apoio empresarial pode estar relacionada ao leque de dificuldades experimentadas pelo estudante trabalhador. Isso se justifica na constatação de que apenas 7 de 80 pretendem continuar no trabalho.

## **CAPÍTULO 5**

### **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A educação superior brasileira reflete as profundas desigualdades sociais do país. Enquanto grande parte dos estudantes de classe média tem acesso às instituições públicas, aqueles provenientes de camadas sociais mais vulneráveis frequentemente precisam conciliar trabalho e estudo em instituições privadas. Apesar dos esforços do Estado para promover a inclusão por meio de políticas a exemplo do FIES, o acesso à educação superior continua sendo um desafio para muitos.

A crescente demanda por profissionais de saúde impulsionou a expansão dos cursos de enfermagem nas últimas décadas. No entanto, essa expansão ocorreu predominantemente no setor privado. Apenas 0,69% dos cursos de enfermagem no Brasil são públicos, evidenciando uma forte influência do setor privado na formação dessa categoria de profissionais.

O FIES, importante programa de financiamento estudantil do país desempenhou um papel crucial na expansão do acesso ao ensino superior, contudo os sucessivos cortes no programa reduziram o número de vagas de 760 mil em 2013 para apenas 100 mil em 2017, segundo o Ministério da Educação. Tal fato têm comprometido a permanência dos estudantes em cursos de faculdades privadas e limitado as oportunidades de acesso para novos alunos. Com isso, aos estudantes baixa renda resta a alternativa do financiamento próprio e amplia a necessidade em conciliar todos os desafios do ambiente acadêmico concomitante ao trabalho.

Da observação e da lida com as dificuldades vivenciadas junto aos discentes do curso de Enfermagem, que são trabalhadores, surgiu a ideia deste estudo. Do reconhecimento de estudantes sonolentos e adormecidos em sala de aula e das dificuldades de aprendizado próprias de um grupo que se mostra aparentemente desmotivado para os estudos, partiu a vontade de entender e analisar os desafios envolvidos.

A análise dos dados obtidos em nossa pesquisa revelou que o cansaço é um desafio significativo para os estudantes trabalhadores, pois que 92,5% dos discentes entrevistados relataram sentir cansaço durante as aulas e 83,5% afirmaram se sentir incapazes de aprender o conteúdo. Esse cansaço, frequentemente relacionado à combinação de trabalho e estudo, bem como a falta de sono e a carga horária excessiva, impactam negativamente não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar geral dos estudantes. A maioria dos participantes da pesquisa expressou insatisfação com seu tempo de lazer, indicando uma possível relação entre a falta de descanso e o aumento do cansaço. É importante destacar que o cansaço não é apenas uma questão física, mas também mental e emocional, podendo afetar a concentração, a motivação e a capacidade de interagir com colegas e professores.

A valorização do trabalho como fonte de riqueza muitas vezes leva à desvalorização do trabalhador, que passa a ser visto como uma mera ferramenta de produção. Essa dinâmica é especialmente evidente no caso dos estudantes trabalhadores, que conciliam jornadas exaustivas com os estudos. Nossa pesquisa revelou que 87,25% dos participantes consideram seu trabalho exaustivo e 21,25% descrevem as condições de trabalho como inadequadas. A alta carga de trabalho dificulta a concentração e o aprendizado. Apesar das dificuldades, 97% dos participantes consideram seu curso de enfermagem fundamental para seus planos de futuro.

Essa aparente contradição pode ser explicada pela importância da profissão de enfermagem e pela crença de que os desafios atuais serão superados. É importante destacar que a falta de apoio das empresas para a formação dos estudantes também agrava a situação. Apenas uma pequena parcela dos participantes relatou receber algum tipo de apoio, como

flexibilidade de horário ou auxílio financeiro. Essa falta de suporte dificulta a conciliação entre trabalho e estudo e pode levar à evasão escolar. Tais dificuldades evidenciam a necessidade de políticas públicas que promovam a conciliação entre trabalho e estudo, garantindo condições de trabalho mais justas e humanizadas para os estudantes trabalhadores.

Ampliar o acesso à educação é fundamental para promover a equidade e o desenvolvimento social. Novas formas de financiamento estudantil e políticas de inclusão são passos importantes nesse sentido. No entanto, o acesso não basta. É preciso garantir que os estudantes se sintam engajados e bem-sucedidos em seus estudos.

Uma das formas de promover o bem-estar dos estudantes e aumentar seu engajamento é por meio da adoção de metodologias ativas de ensino. Ao contrário das aulas tradicionais, que muitas vezes são passivas e centradas no professor, as metodologias ativas incentivam a participação ativa dos estudantes, promovendo a aprendizagem significativa e o desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI. Ao permitir que os estudantes sejam protagonistas de seu próprio aprendizado, as metodologias ativas contribuem para aumentar a motivação intrínseca e o bem-estar psicológico.

Instituições de ensino como o Stanford e Harvard, reconhecidas mundialmente por sua excelência acadêmica têm investido em metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos e a sala de aula invertida obtendo com isso um aumento significativo no engajamento dos estudantes, na qualidade do aprendizado e na capacidade de resolver problemas complexos. No Brasil, universidades como a Universidade de São Paulo (USP) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) também têm implementado com sucesso projetos piloto com metodologias ativas.

Para além dessas experiências sugerimos mudanças em 3 (três) áreas: NO SISTEMA PÚBLICO de financiamento estudantil, nas IES privadas – INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR e nas EMPRESAS PRIVADAS.

1. NO SISTEMA PÚBLICO de financiamento estudantil: Sob uma perspectiva acadêmica, a relação entre financiamento estudantil e a qualidade do ensino é complexa e múltipla, envolvendo questões de acesso, equidade, sustentabilidade das instituições de ensino e o engajamento dos estudantes. A expansão do acesso ao ensino superior, possibilitada por mecanismos de financiamento estudantil é um ponto central na discussão. Programas de financiamento, como o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) no Brasil, têm o potencial de democratizar o acesso à educação, permitindo que estudantes de baixa renda superem barreiras financeiras e ingressem em instituições de ensino superior. Entretanto é necessário

pensar na eficácia destes financiamentos que podem ser vulneráveis a mudanças nas políticas governamentais ou a altas taxas de inadimplência. Taxas de juros elevadas, prazos de pagamento inadequados e a falta de suporte para a permanência nos estudos podem gerar endividamento e evasão, comprometendo o sucesso acadêmico. Financiamentos com condições mais favoráveis, como juros baixos ou subsidiados e prazos de carência adequados, podem reduzir o estresse financeiro dos estudantes e permitir uma maior dedicação aos estudos. É importante que os recursos públicos destinados ao financiamento estudantil sejam direcionados a instituições que demonstrem qualidade acadêmica e compromisso com a formação de profissionais competentes. Mecanismos de avaliação rigorosos podem garantir que o aumento do acesso não se traduza em uma queda na qualidade do ensino.

Parcerias entre o poder público e empresas privadas oferecendo a possibilidade de descontos nos impostos, como é feito atualmente na cultura, em específico a Lei Rouanet (Lei nº 8.313/1991) poderia despertar o interesse desse setor para o financiamento estudantil.

## 2. NAS IES privadas – INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR – Em nível acadêmico é preciso pensar em diversas possibilidades, tais como:

- Serviços de apoio psicológico: Oferecer suporte psicológico aos estudantes pode ajudá-los a lidar com o estresse, a ansiedade e outras dificuldades emocionais.
- Implementação de técnicas de planejamento, como a criação de cronogramas detalhados, a priorização de tarefas e a utilização de ferramentas de organização, assim como pensar em atividades síncronas e assíncronas. Tendo em vista que estudantes trabalhadores frequentemente enfrentam horários apertados e a necessidade de equilibrar as responsabilidades acadêmicas e profissionais.
- Programas de mentoria/monitoria/preceptoria - a mentoria/monitoria/preceptoria por parte de professores, alunos mais avançados ou profissionais da área pode oferecer orientação e apoio aos estudantes.
- Conectar os conteúdos acadêmicos com as situações e desafios enfrentados no ambiente de trabalho pode aumentar a relevância do aprendizado, fortalecer a motivação e facilitar a aplicação prática do conhecimento adquirido.

- Ofertar disciplinas relacionadas a prática profissional desde os primeiros períodos, para gerar engajamento com o curso e criar uma perspectiva do curso a longo prazo.
- Espaços de convivência – criar espaços onde os estudantes possam se conectar e interagir com seus colegas fortalecendo os laços sociais e promove o bem-estar. É fundamental que sejam espaços criativos que promovam o alívio do estresse, em que o estudante possa se sentir “descomprimido” das tarefas.
- Capacitação de professores - É fundamental que os professores sejam devidamente capacitados para utilizar metodologias ativas e criar um ambiente de aprendizagem que promova o engajamento e o bem-estar dos estudantes. Esse processo de capacitação não deve ser restrito a encontros pedagógicos, mas deve incluir a formação por meio de palestras e cursos com profissionais da área.
- É fundamental o desenvolvimento de estratégias de autocuidado e bem-estar focadas em orientar o estudante sobre a importância de um sono adequado, da prática de atividades físicas regulares, alimentação saudável e da relevância de reservar tempo para lazer e descanso. Todos estes fatores impactam diretamente a capacidade cognitiva e a motivação dos estudantes trabalhadores.

3. NAS EMPRESAS PRIVADAS – Diversas estratégias podem ser adotadas por empresas privadas para auxiliar a formação de estudantes trabalhadores e incentivar a conclusão de sua graduação:

- Apoio financeiro direto - Oferecer bolsas integrais ou parciais para cursos de graduação relevantes para a área de atuação da empresa ou para o desenvolvimento profissional do trabalhador, inclusive para cursos de idiomas ou outras formações complementares.
- Reembolso de mensalidades -A empresa pode adotar uma política de reembolso parcial ou total das mensalidades, condicionada à aprovação nas disciplinas ou à conclusão do curso. Essa estratégia incentiva o bom desempenho acadêmico e a persistência nos estudos.
- Flexibilidade no horário de trabalho - Permitir horários de trabalho que se adaptem às necessidades acadêmicas, como a possibilidade de iniciar ou encerrar o expediente mais cedo ou mais tarde em determinados dias, facilita a frequência às aulas e o tempo dedicado ao estudo.

- Liberação para atividades acadêmicas - Conceder licenças remuneradas ou não para a participação em provas, apresentação de trabalhos ou outras atividades acadêmicas importantes demonstra compreensão e apoio à jornada do estudante trabalhador.
- Programas de desenvolvimento e mentoria/monitoria/preceptoria - Criar oportunidades para que os estudantes trabalhadores apliquem os conhecimentos adquiridos na graduação em projetos práticos dentro da empresa, enriquecendo o aprendizado e demonstrando o valor da formação para a organização. Designar mentores dentro da empresa para auxiliar os estudantes trabalhadores, oferecendo orientação sobre a carreira, o desenvolvimento de habilidades e a integração dos estudos com o trabalho.
- Parcerias com Instituições de Ensino - Estabelecer parcerias com universidades e faculdades para oferecer descontos nas mensalidades para os trabalhadores da empresa. Desenvolver programas de formação específicos em parceria com instituições de ensino, adaptados às necessidades da empresa e que possam ser reconhecidos como créditos acadêmicos.
- Reconhecimento e valorização da formação - Estabelecer planos de carreira que valorizem a obtenção de diplomas de graduação, oferecendo oportunidades de ascensão e melhores salários para os colaboradores que investem em sua educação. Isto cria uma cultura que valoriza o aprendizado e o desenvolvimento profissional e incentiva os trabalhadores a buscarem aprimoramento.

O acesso à educação superior para trabalhadores, muitas vezes oriundos de camadas socioeconômicas menos favorecidas, promove a mobilidade social e reduz as desigualdades, oferecendo oportunidades de ascensão profissional e melhoria de qualidade de vida. A educação está relacionada com melhores indicadores de saúde e bem-estar social. A formação superior estimula o pensamento crítico, a capacidade de resolução de problemas e a criatividade, essenciais para a inovação e o desenvolvimento tecnológico. Trabalhadores com formação superior tendem a ter salários mais altos, o que resulta em uma maior arrecadação de impostos para o Estado, recursos que podem ser reinvestidos em serviços públicos, incluindo a própria educação

Quando um estudante se forma a sociedade como um todo se beneficia, então é preciso que a sociedade como um todo se mobilize para superar os desafios enfrentados pelos

estudantes trabalhadores, que são múltiplos e interconectados, abrangendo desde a gestão do tempo e a exaustão até questões de saúde e a falta de apoio adequado. Superar esses obstáculos demanda um esforço conjunto no sistema público, nas instituições de ensino e do setor privado, cada qual reconhecendo suas responsabilidades no processo como um todo, implementando estratégias que visem a flexibilização, o apoio financeiro, o reconhecimento do esforço e a promoção de um ambiente de aprendizado e trabalho mais equitativo e sustentável. Ao concluírem seus estudos, os trabalhadores se tornam profissionais mais capacitados .e isto eleva a qualidade da força de trabalho, impulsionando a produtividade das empresas e da própria economia do país.



## 6. REFERÊNCIAS

- ABREU, Edith Mendes da Gama e. Anna Nery. **Rev. Inst. Geog. His/. da Bahia**. Bahia: IGHB, v. 83, p.140-145, 1961-1967.
- ARENDT, H. A condição humana. 7. ed. Rio de Janeiro: **Forense Universitária**, 1995.
- ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. Notas sobre a mulher contemporânea no ensino superior. **Mal-Estar e Sociedade** - Ano II - n. 2 - Barbacena - jun. 2009 - p. 91-106.
- BARNETT, J., & Gareis, C. R. The balancing act: A study of employment and graduate school. **Journal of Employment Counseling**, 44(3), 119-130. 2007.
- BARRETO, Maria. **Revista Forbes**. Mulheres têm risco de esgotamento 20% maior. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/03/no-trabalho-mulheres-tem-risco-deesgotamento-20-maior-do-que-homens/>
- BARRETO, Rozendo Muniz. A Mãe dos Brasileiros, Poemeto Histórico oferecido ao **Insl. Hist. e Geográfico Brasileiro** em 1876.
- BAUK, B. A. (1985, abr./mai./jun.) Stress. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**. v. 50, n.13, p. 28-36.
- Beauchamp, T. L., & Childress, J. F. (2019). Principles of biomedical ethics (8th ed.). **Oxford University Press**.
- BESERRA EP, Sousa LB, Alves MD, Gubert FA. Percepção de adolescentes acerca de suas atividades de vida, trabalho e lazer. **Rev Enfermagem UERJ**. 2015;23(5):627-32.
- BEZERRA, Italla M, Pinheiro; SORPRESO, Isabel C. Esposito. Conceito de saúde e movimentos de promoção da saúde da reorientação de práticas. **Journal of Human Growth and Development**. Volume 26, nº 1. São Paulo, 2018. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010412822016000100002&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S010412822016000100002&script=sci_arttext&tlng=pt)
- BÍBLIA. João Ferreira de Almeida. Gêneses. **SBB**: Brasília, 1969.
- BRASIL**. Lei n. 7498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 1986. Seção 1; p. 1.

**BRASIL.** Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

**BRASIL.** Lei 8080 de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1990a.

**BRASIL.** Lei 8142 de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação da comunidade na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 1990b.

**BRASIL.** Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012. Trata de pesquisas e testes em seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

**BRASIL.** Resolução 510 de 07 de abril de 2016. Brasília: Ministério da Saúde, 2016.

**BRASIL.** <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/voce-ja-teve-insonia-saiba-que-72-dos-brasileiros-sofrem-com-alteracoes-no-sono>.

**BRASIL.** Conselho Nacional de Saúde. (2012). Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF.

BRITO, J. C.; D'ÁCRI, V. Referencial de Análise para o Estudo da Relação Trabalho, Mulher e Saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 201-214, 1991.

BROCH, D.; RIQUELMO, D. L.; VIEIRA, L. B.; RAMOS, A. R.; GASPARIN, V. A. Social determinants of health and community health agent work. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 54, p. e03558, 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S008062342020000100417&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342020000100417&tlng=en)>. Acesso em: 27 ago. 2022.

CÂMARA AG, Germano RM, Valença CN *et al*, MOTIVAÇÕES DE ESTUDANTES PARA CURSAR ENFERMAGEM: ENTRE A EMPATIA E O MERCADO DE TRABALHO. 2014. **Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte**.

Carskadon, M. A., & Dement, W. C. *Dement's handbook of sleep and chronobiology*. **John Wiley & Sons**. 2017.

Cervo, A. L., Bervian, P. A., & da Silva, R. (2007). Metodologia científica (6ª ed.). **Pearson Prentice Hall**.

CHERCHIARI, E. A. N., Caetano, D., & Faccenda, O. (2005b). Utilização do serviço de saúde mental em uma universidade pública. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 25(2), 252-265. doi:10.1590/S1414-98932005000200008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000200008>

CODO, W. O Fazer e a Consciência. In: LANE, S.T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CNDSS. Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde. As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil. Rio de Janeiro: **Fiocruz**, 2008.

DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. Políticas e estratégias para promover a equidade social em saúde. 1991.

DAMASCENO, R. O.; BOERY, R. N. S. de O.; BOERY, E. N.; ANJOS, K. F. dos; SANTOS, V. C. Fatores associados à qualidade de vida em estudantes universitários. Em: 67o Reunião Anual da SBPC, 2015, São Carlos. Anais [...]. São Carlos: **SBPC**, 2015.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: **Contraponto**, 1997.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: **Atlas**, 1994.

DEJOURS, C. A banalização da injustiça social. Rio de Janeiro: Ed. **FGV**, 1999.

DEJOURS, C. Prefácio. In: MENDES, A. M. Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, p. 19-22, 2007.

DELUIZ, N. 2001. O modelo das competências profissionais no mundo do trabalho e na educação: implicações para o currículo. **Boletim Técnico do SENAC** 27 (3): 13-25.

DEMENT, W. C., & Vaughan, L. J. The promise of sleep: A pioneer in sleep medicine explores the vital connection between health, happiness, and a good night's sleep. **Dell Publishing**. 1999.

Demo, P. Pesquisa participante: saber pensar e intervir junto. **Liber Livro Editora**, 2000.

Diogo, M. F., Gollo, V., & Bigaton, J. E. fatores que podem interferir na evasão escolar em uma instituição de ensino superior privada. **Revista Cesumar Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, 21(1), 127-144. 2016.

DOWNING, D; CLARK, J; FARIAS, A. A (tradutor). Estatística Aplicada. 2 Ed. São Paulo: **Saraiva**. 2005.

DURAND, M. K.; HEIDEMAN, I. T. S. B. Social determinants of a Quilombola Community and its interface with Health Promotion. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 53, p. e03451, 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S008062342019000100427&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342019000100427&tlng=en)>. Acesso em: 26 ago. 2022.

EZCURRA, Ana María. Masificación y enseñanza superior: uma inclusión excluyente. Algunas hipótesis y conceptos clave. In: PAULA, Maria de Fátima Costa de; FERNÁNDEZ LAMARRA, Norberto (Orgs.). Reformas e democratização da educação superior no Brasil e na América Latina. Aparecida, SP: **Idéias & Letras**, 2011. p. 97-120.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio** Online, 017. Disponível em: [dicionariodoaurelio.com](http://dicionariodoaurelio.com). Acesso em: 24mai.2017.

Ferreira, T. Z., & Casanova, D. C. Dificuldades de aprendizagem no ensino superior: um estudo de caso. **Revista Iberoamericana de Educación**, 62(1), 1-12. 2013.

Flick, U. (2009). Desenho da pesquisa qualitativa. **Artmed Editora**.

FONSECA R *et. All*. Perfil sociodemográfico de estudantes universitários: estudo descritivo-correlacional entre uma universidade portuguesa e brasileira. **Educ Foco** 2019;24(1):342-66. doi: 10.34019/2447-5246. 2019.v23.26040

FUGULIN, FMT. Dimensionamento de pessoal de Enfermagem: Avaliação de quadro de Enfermagem das unidades de internação de um hospital de ensino. São Paulo: **Escola de Enfermagem**, Universidade de São Paulo, 2002.

GEOVANINI, T. Uma abordagem dialética da Enfermagem. In: GEOVANINI, T. *et al*. História da enfermagem versões e interpretações. Rio de Janeiro: **Revinter**, 2005.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: **Atlas**, 1999.

Goldenberg S. Orientação normativa para elaboração de tese. **Acta Cir Bras** 1993;(Supl 1):1-24.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

Hancock, P. A., Ross, J. M., Szalma, J. L., & Parasuraman, R. Fatigue, workload, and stress in human performance. In *Handbook of human factors and ergonomics* (pp. 513-549). **John Wiley & Sons**. 2022.

Hockey, G. R. J. (2013). *The psychology of fatigue: Work, effort and control*. **Cambridge University Press**. 2013.

ISO-AHOLA, S. E. Motivational foundations of leisure. In E. L. Jackson & T. L. Burton (Eds.), *Leisure studies: Prospects for the twenty-first century*<sup>1</sup> (pp. 35-51). **Venture Publishing**. 1999.

JOHNSON, D. W., & Johnson, R. T. (1999). *Active learning: Cooperation in the college classroom*. Edina, MN: **Interaction Book Company**.

KNUTSON, K. L., & VAN Cauter, E. Associations between sleep duration and prevalent and incident metabolic syndrome: prospective evidence from the CARDIA study. *Archives of Internal Medicine*, 168(16), 1768-1774. 2008.

KRUZE, MHL. Enfermagem moderna: a ordem do cuidado. **Rev. Bras. Enferm.**[online]. 2006; 59(spe): 403-410.

LAFARGE Gypsum (1999). **Catálogos Sistemas Lafarge Gypsum**, São Paulo.

LEE, M. et al. From emotional exhaustion to cynicism in academic burnout among Korean high school students: focusing on the mediation effects of hatred of academic work. **Stress & Health, United States**, v. 36, n. 3, p. 376-383, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1002/smi.2936>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/smi.2936>.

LEE S, Mccann D, Messenger JC. Duração do Trabalho em Todo o Mundo: Tendências de jornadas de trabalho, legislação e políticas numa perspectiva global comparada, **Secretaria Internacional de Trabalho**. Brasília: OIT; 2009.

LIMA, M. P. et al. O sentido do trabalho para pessoas com deficiência. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 14, n. 2, p. 42-68, 2013.

LIMA MM et. All. Integralidade como princípio pedagógico na formação do enfermeiro. **Texto Contexto Enferm.** 2013 Jan-Mar; 22(1):106-13.

LIMONGI, A.C.F.; RODRIGUES, A.L.; Stress e Trabalho: uma abordagem psicossomática. 4ª ed. – 4ª. Reimpr. – São Paulo: **Atlas**, 2011

LOPES, X. de F. de M. Fatores associados à duração do sono e social LAG em estudantes universitários no interior do Rio Grande do Norte: estudo baseado nos determinantes sociais de saúde. 2021. 109f. **Dissertação (Mestrado)** - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Santa Cruz, 2021.

MARCHINI, D. M. F. *et. All.* Análise de Estresse e Qualidade de Vida em Alunos Universitários. **Revista de Administração Unimep**, [s.;l.], v. 17, n. 3, p. 141–164, 25 nov. 2019. Disponível em: <<http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/1608>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

MARTINS, Sérgio Pinto. Breve histórico a respeito do direito do trabalho. **Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 95, p. 167-176, 2000.

MARTINS, Juliano; MICHALOSKI, Ariel O. Qualidade de vida e estresse no trabalho. **Revista Científica Semana Acadêmica**, ISSN 2236-6717, 2015. <https://semanaacademica.com.br/artigo/qualidade-de-vida-e-estresse-no-ambiente-de-trabalho>.

Martins, L. F. Os impactos da saúde mental nos estudantes universitários do curso de Enfermagem: revisão bibliográfica. **Research, Society and Development**, 10(12), e38101220299. 2021.

MARQUEZE, EC. *et. All.* Satisfação no trabalho: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, v. 30, n. 112, p. 69-79, 2005.

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: **Boitempo**, 2013.

MARX, Karl. A burguesia e a contra-revolução. São Paulo: Ensaio, 1987. A questão judaica. São Paulo: **Edições Moraes**, 1980.

MARX, K. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: **Abril Cultural**, 1974. (Os Pensadores).

- MENDES, K. M., & Silva, M. J. (2018). O impacto do trabalho na vida acadêmica de estudantes de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 71(3), 456-462.
- MINAYO, M. C. (org.). (1997). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: **Vozes**.
- MONTALI L. Rearranjos familiares de inserção, precarização do trabalho e empobrecimento. **R Brás Est Pop** [online]. 2004; 21 (2). [citado em 13 out 2013]. Disponível em: [http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev\\_inf/vol21\\_n2\\_2004/vol21\\_n2\\_2004\\_4artigo\\_p195a216.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol21_n2_2004/vol21_n2_2004_4artigo_p195a216.pdf).
- MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, p. 8-19, 2001.
- MOREIRA, J. M. Questionários: teoria e prática. São Paulo: **Almedina**, 2009.
- NELSON S. Say little, do much'. Nineteenth-century nursing and hospital foundation by religious women in the New World. Pensilvânia (US): **University of Pennsylvania Press**; 2001
- OGUISSO T. Florence Nightingale. In: Oguisso T, organizador. Trajetória Histórica e Legal da Enfermagem. São Paulo (SP): **Manole**; 2005. p.59-97.
- PETERSEN, I., LOUW, J., & DUMONT, K. (2009). Adjustment to university and academic performance among disadvantaged students in South Africa. **Journal of Educational Psychology**, 29(1), 99-115.DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/01443410802521066>.
- PETERSEN, I., LOUW, J., DUMONT, K., & MALOPE, A. (2010). Adjustment to university and academic performance: Brief report of a follow-up study. **Journal of Educational Psychology**, 30(4),369-375. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/01443411003659978>.
- PEZZINI, D. M., & Szymanski, H. Desinteresse do aluno: sintoma da escola medicalizada?. **Educação e Pesquisa**, 33(1), 141-153. 2007.
- PINTO, Anaisa Cristina et al. Censo dos cursos de graduação em enfermagem brasileiros, públicos e privados, **Brazilian Journal of Development**. 2022. DOI:10.34117/bjdv8n6-327.
- QUIROGA, C. Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da Metodologia no Serviço Social. São Paulo: **Cortez**, 1991.

RIBEIRO, Larissa A.; SANTANA, Lúcia C. Qualidade de vida no trabalho: fator decisivo para o sucesso organizacional. **Revista de Iniciação Científica–RIC Cairu**, v. 2, n. 02, p. 75- 96, 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. Colab. José Augusto de Souza Peres et al. 3. ed. 10. reimpr. São Paulo: **Atlas**, 2009.

ROBBINS, S.P. Comportamento organizacional. São Paulo: **Pearson**, 2005.

ROCHA, R. S.; PINHEIRO, L. P.; ORIÁ, M. O. B.; XIMENES, L. B.; PINHEIRO, A. K. B.; AQUINO, P. de S. Determinantes sociais da saúde e qualidade de vida de cuidadores de crianças com câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Rio Grande do Sul, v. 37, n. 3, 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S198314472016000300411&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198314472016000300411&lng=pt&tlng=pt)>. Acesso em: 26 ago. 2022.

ROSÁRIO, C. A.; BAPTISTA, T. W. de F.; MATTA, G. C. Sentidos da universalidade na VIII Conferência Nacional de Saúde: entre o conceito ampliado de saúde e a ampliação do acesso a serviços de saúde. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 124, p. 17–31, mar. 2020. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-11042020000100017&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042020000100017&tlng=pt)>. Acesso em: 25 ago. 2022.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas Culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. P. 11 – 36. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre (orgs.). Políticas Culturais no Brasil. Salvador: **EDUFBA**, 2007, 182 p.

RUDESTAM, K. E., & NEWTON, R. R. Surviving your dissertation: A comprehensive guide to content and process (4th ed.). **Sage Publications**. 2014.

SCHMIDT, A. El concepto de naturaleza en Marx. Madrid: **Siglo Veintiuno**, 1976.

SCHNEIDER, E. L.; PASTRI, P. A.; BOHM, S. I. H.; BOHM, G. T.; NYARI, N. L. D.; SILVA, G. C.; FERREIRA, J. C. M.; & YAMAOKA, T. Stress e trabalho 1998. Monografia (Especialização em Medicina do Trabalho) - **Curso de Especialização em Medicina do Trabalho de Florianópolis**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, A. et. All. Um estudo sobre a qualidade de vida no trabalho (QVT) e os fatores associados. **Iberoamerican Journal of Industrial Engineering**, v. 7, n. 14, p. 182-200, 2015. <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/IJIE/article/view/3669>.



- SOUZA AS e REINERT JN. Avaliação de um curso de ensino superior através da satisfação/insatisfação discente. **Avaliação: Rev Aval Educ Sup**. 2010 Mar; 15(1):159-76.
- SOUTO Maior, I. L. **A insatisfação dos alunos na sala de aula – algumas reflexões**. 2009.
- SCHUTZ A. El problema de la realidad social. Escritos I. 2ª ed. Buenos Aires (AR): **Amorrortu**; 2003.
- Stickgold, R. Sleep-dependent memory consolidation. **Nature**, 437(7063), 1272-1278. 2005.
- Teixeira, M. O., & Gomes, C. A. (2004). O impacto da educação superior no mercado de trabalho brasileiro. **Revista Brasileira de Economia**, 58(4), 549-578. 2004.
- TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. **Atlas**. 1987.
- VENTURA, C. A. A. **Determinantes Sociais de Saúde e o uso de drogas psicoativas**. 2007.
- VIEIRA, Sonia. Como elaborar questionários. São Paulo: **Atlas**, 2009
- Walker, M. Why we sleep: Unlocking the power of sleep and dreams. **Scribner**. 2018.
- WHO. World Health Organization. Closing the gap in a generation: health equity through action on the social determinants of health. Genebra: **WHO**, 2008.
- ZANELLI, J. C. (Coord.), *et. All.* (2010). Estresse nas organizações de trabalho: compreensão e intervenção baseadas em evidências. Porto Alegre: **Artmed**.
- ZOHAR, D. (1997). Predicting burnout with a hassle-based measure of role demands. **Journal of Organizational Behaviour**, 18, 101-115.

## ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO

### DADOS PESSOAIS

1) Idade: \_\_\_\_ anos

2) Sexo:

( ) Masculino( ) Feminino

3) Estado civil:

( ) Solteiro(a)

( ) Casado(a)/União estável ( ) Viúvo(a)

( ) Separado(a)/Divorciado(a)

4) Escolaridade:

( ) Ensino Fundamental incompleto( ) Ensino Fundamental completo

( ) Ensino Médio incompleto( ) Ensino Médio completo

( ) Ensino Superior incompleto( ) Ensino Superior completo

( ) Pós-graduação incompleto( ) Pós-graduação completo

5) Tempo de serviço (em meses) na empresa em que você trabalha: \_\_\_\_ meses.

6) Qual seu trabalho na empresa: \_\_\_\_\_

7) Qual sua carga horaria de trabalho diário: \_\_\_\_\_ horas.

8) Qual a sua renda pessoal: Até \_\_\_\_\_ Salário/s mínimos

9).Qual a sua renda familiar: Até \_\_\_\_\_ Salário/s mínimos

10) Você possui algum tipo de financiamento estudantil?

**QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO:****01 - Com que frequência você se sente cansado(a) durante as aulas?**

NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	REPETIDAMENTE	SEMPRE
1	2	3	4	5

**02 - Você está satisfeito(a) com a sua disposição para estudar?**

MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
1	2	3	4	5

**03 - Com que frequência você se sente sonolento(a) durante as aulas?**

NUNCA	RARAMENTE	AS VEZES	REPETIDAMENTE	SEMPRE
1	2	3	4	5

**04 - Você está satisfeito com o tempo que você possui para dormir?**

MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
1	2	3	4	5

**05 - Com que frequência você se sente incapaz de aprender o conteúdo das aulas?**

NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	REPETIDAMENTE	SEMPRE
1	2	3	4	5

**06 - O quanto você está satisfeito(a) com o seu rendimento acadêmico:**

MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
1	2	3	4	5

**07 - O quão importante você considera o seu curso e sua formação para sua vida:**

NADA	MUITO POUCO	MAIS OU MENOS	BASTANTE	EXTREMAMENTE
1	2	3	4	5

**08 - Com que frequência você pratica atividades de lazer?**

NUNCA	RARAMENTE	ÀS VEZES	REPETIDAMENTE	SEMPRE
1	2	3	4	5

**09 - O quanto você está satisfeito(a) com o tempo que você possui para praticar atividades de lazer?**

MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
1	2	3	4	5

**10 - O seu maior objetivo ao se formar neste curso?**

APENAS SALÁRIO	APENAS REALIZAÇÃO PESSOAL	REALIZAÇÃO PESSOAL E SALÁRIO	APENAS TER UMA FORMAÇÃO	REALIZAR UM SONHO
1	2	3	4	5

**11 - Você julga o seu trabalho cansativo e exaustivo?**

NADA	MUITO POUCO	MÉDIO	MUITO	COMPLETAMENTE
1	2	3	4	5

**12 - Você está satisfeito(a) com a sua jornada de trabalho semanal?**

MUITO INSATISFEITO	INSATISFEITO	NEM SATISFEITO NEM INSATISFEITO	SATISFEITO	MUITO SATISFEITO
1	2	3	4	5

**13 - As condições de trabalho (temperatura, luminosidade, barulho, etc.) do seu cargo são adequadas?**

NADA	MUITO POUCO	MÉDIO	MUITO	COMPLETAMENTE
1	2	3	4	5

**14 - A empresa em que você trabalha oferece algum tipo de suporte para a sua formação?**

NADA	MUITO POUCO	MÉDIO	MUITO	COMPLETAMENTE
1	2	3	4	5

**15 – Ao se formar qual a chance de você continuar no seu trabalho?**

NEHUMA	MUITO PEQUENA	MÉDIA	MUITO GRANDE	CERTAMENTE VAI CONTINUAR
--------	------------------	-------	-----------------	--------------------------------

## ANEXO 2 – TERMO DE CONSETIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar de um relato de caso, intitulado "*DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE DE UNIVERSITÁRIOS TRABALHADORES*", sob a responsabilidade do(s) pesquisador(es) Prof. Dr Winston kleiber de Almeida Bacelar e o senhor Acleverson José dos Santos. Esse tipo de pesquisa tem função de destacar uma situação incomum ou fato inusitado do comportamento de uma doença ou uma condição clínica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção antes de assiná-lo. Caso haja alguma palavra ou frase que você não consiga entender, converse com o pesquisador responsável ou com um membro da equipe desta pesquisa para esclarecermos.

A proposta deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é explicar a você tudo sobre o relato de caso e solicitar a sua permissão para que o relato de caso seja publicado em meios científicos como revistas, congressos ou reuniões científicas de profissionais da saúde.

Nesta pesquisa, estamos buscando entender e documentar a sua experiência específica com a condição de aluno trabalhador no curso de Bacharel em Enfermagem, assim como entender quais os DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE, podem impactar seu aprendizado. O objetivo final será contribuir para o avanço do conhecimento e talvez ajudar outros alunos com condições semelhantes, às suas, no futuro.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido está sendo apresentado a você para que possa entender o objetivo deste relato de caso, o que será solicitado a você, os possíveis riscos e benefícios e seus direitos como participante de pesquisa, em conformidade com a Carta Circular nº 166/2018 da CONEP. A CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) é uma comissão ligada ao Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde do Brasil. Ela foi criada com a função de proteger os direitos e a dignidade dos participantes da pesquisa em todo o país.

Na sua participação, se concordar, você, permitirá que nós pesquisadores façamos de forma comparativa a análise de todas as suas respostas em relação a de outros participantes, com a finalidade de compreendermos melhor suas informações. Será de maneira totalmente anônima.

Se você aceitar participar deste relato de caso, sua participação será, apenas respondendo ao questionário com 15 perguntas, sendo, cinco alternativas de respostas. O questionário tentará entender suas dificuldades, pelo fato de trabalhar e estudar, também será feito de maneira totalmente anônima. O objetivo é chamar atenção para os impactos na sua saúde, ajudando a aumentar nosso conhecimento.

Você tem o tempo que for necessário para decidir se quer ou não participar da pesquisa (conforme item IV da Resolução nº 466/2012 ou Capítulo. III da Resolução nº 510/2016). Você pode levar este termo para casa se quiser ler junto com os seus familiares antes de decidir.

Você não terá nenhum gasto e nem ganho financeiro por participar na pesquisa. Todos os custos relacionados à pesquisa são cobertos pela equipe de pesquisa. Você pode levar o questionário para casa, e responde-lo quando for mais oportuno para você.

Os dados da pesquisa serão mantidos em arquivo, físico ou digital, sob a guarda e responsabilidade dos pesquisadores, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Isto é para atender as orientações das Resoluções nº 466/2012, Capítulo XI, Item XI.2: f e nº 510/2016, Capítulo VI, Art. 28: IV.

Os resultados do relato de caso serão publicados e SUA IDENTIDADE SERÁ PRESERVADA. Todas as informações que possam identificá-lo serão removidas ou alteradas antes da publicação.

\_\_\_\_\_  
Rubrica do Participante

\_\_\_\_\_  
Rubrica do Pesquisador

Os riscos consistem em uma quebra de sigilo. Para minimizar esse risco, nenhum dado que possa identificar o(a) sr(a) como nome, codinome, iniciais, registros individuais, informações postais, números de telefones, entre outros serão utilizadas sem sua autorização.

Contudo, este relato de caso também pode trazer benefícios. Sua participação na pesquisa contribuirá com informações, que certamente poderão servir como base para análises diversas que poderão melhorar os DSS de universitários que são trabalhadores.

Caso ocorra algum problema ou dano com você, resultante deste relato de caso, você receberá todo o atendimento necessário, sem nenhum custo pessoal e pelo tempo que for necessário. Garantimos indenização diante de eventuais fatos comprovados, com nexos causal com o relato de caso, conforme específica a Carta Circular no 166/2018 da CONEP. Havendo algum dano decorrente da pesquisa, você terá direito a solicitar indenização através das vias judiciais (Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954 e Resolução CNS nº 510 de 2016, Artigo 19).

Sua participação neste relato de caso é totalmente voluntária, ou seja, não é obrigatória. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem qualquer prejuízo ou pressão. Você também é livre para solicitar a retirada dos seus dados da pesquisa até o momento da divulgação dos resultados.

Caso você decida não participar, ou ainda, desistir de participar e retirar seu consentimento durante a realização do relato de caso, não haverá nenhum prejuízo ao atendimento que você recebe ou possa vir a receber na instituição. É garantido a você, o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o relato de caso e suas consequências, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da sua participação.

Você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado e rubricado por você e pelos pesquisadores. Caso tenha qualquer dúvida ou reclamação a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com *Acleverson José dos Santos*, (034) 991417725 ou *acleverson@yahoo.com.br*. Este termo está assinado pelo(a) pesquisador(a) responsável, e contém seu telefone e endereço para que você possa tirar dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Para obter orientações quanto aos direitos dos participantes de pesquisa acesse a cartilha no link: [https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha\\_Direitos\\_Participantes\\_de\\_Pesquisa\\_2020.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf).

Você pode também entrar em contato com o Comitê de Ética na Pesquisa com Seres Humanos – CEP, da Universidade Federal de Uberlândia, localizado na Av. João Naves de Ávila, nº 2121, bloco A, sala 224, campus Santa Mônica – Uberlândia/MG, 38408-100; pelo telefone (34) 3239-4131 ou pelo e-mail **cep@propp.ufu.br**. O CEP/UFU é um colegiado independente criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e para contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos conforme resoluções do Conselho Nacional de Saúde.

Uberlândia, ..... de ..... de 20.....

Winston Kleiber de Almeida Bacelar

Acleverson José dos Santos

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Rubrica do Participante

Rubrica do Pesquisador